



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**



UFOP
Universidade Federal
de Ouro Preto

GILBERT CIRELI CONTIN

**PODCASTS “GARAGEM DE FLANELA”
Crônicas sobre o som de Seattle**

Mariana/MG
2025

GILBERT CIRELI CONTIN

Podcasts “Garagem de flanela”: Crônicas sobre o som de Seattle

Memorial descritivo sobre o produto submetido ao curso de Jornalismo na Universidade Federal de Ouro Preto, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Fernando Jáuregui Pinto

Mariana/MG

2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

C762p Contin, Gilbert Cireli.
Podcasts "Garagem de Flanela" [manuscrito]: crônicas sobre o som
de Seattle. / Gilbert Cireli Contin. - 2025.
75 f.: . + Roteiro em formato de lauda radiofônica.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Fernando Jáuregui Pinto.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Eventos musicais. 2. Grunge. 3. Jornalismo. 4. Podcasting. 5. Rock
alternativo. I. Pinto, Carlos Fernando Jáuregui. II. Universidade Federal de
Ouro Preto. III. Título.

CDU 659.3

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Gilbert Cireli Contin

**Podcasts "Garagem de Flanela"
Crônicas sobre o som de Seattle**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Aprovada em 04 de abril de 2025

Membros da banca

Doutor - Carlos Fernando Jáuregui Pinto - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)
Doutor - Cláudio Rodrigues Coração (Universidade Federal de Ouro Preto)
Mestre - Thiago Caldeira da Silva (Universidade Federal de Ouro Preto)

Carlos Fernando Jáuregui Pinto, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 21/05/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Fernando Jauregui Pinto, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 21/05/2025, às 20:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0910639** e o código CRC **875F5016**.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus por ter me dado forças para suportar diversas dificuldades pessoais durante minha graduação. Sem seu amparo, aqui eu não estaria.

Aqui eu não estaria também sem o eterno apoio de meus pais, Gilberto e Luzia, a quem sempre serei eternamente grato por terem me dado a vida e me ajudado desde então.

Um obrigado especial a meu orientador e professor, Carlos Fernando Jáuregui, por ter tido a maior paciência do mundo com o orientando mais ausente da história, e pelas excelentes disciplinas que lecionou na UFOP.

Agradeço ao corpo docente e a todos os funcionários da UFOP, que sempre me atenderam com prontidão quando precisei.

Agradeço a todos os amigos que fiz durante a graduação, em especial à república Exagerados; amigos com quem tive o prazer de conviver diariamente e guardarei em meu coração.

Um obrigado aos amigos da república Chora Rita, que sempre me receberam com alegria e amizade e que me acompanharam em várias aventuras noturnas.

Agradeço também a amizade e o companheirismo de meu amigo Luiz Fernando, com quem fui ao show do Skylab e escutava o bom e velho grunge por horas enquanto compartilhávamos as lamúrias da vida e do nosso time.

Aos meus avós, que sempre foram âncoras para toda a família e em especial a meu avô paterno, José Contin, que faleceu durante a elaboração deste produto.

A meus amigos de Carangola, que mesmo após anos fora, nunca me esqueceram e deixaram de apoiar em tudo que precisei.

Por fim, um obrigado especial a meu amigo Gabriel, que sempre me aconselhou, ajudou e me salvou incontáveis vezes. Tua amizade me inspira a ser mais confiante, nunca me acomodar e buscar sempre mais conhecimento.

RESUMO

Este memorial faz a apresentação dos conceitos e do percurso que permitiram a realização de um produto jornalístico. É proposta uma abordagem que utiliza a produção jornalística musical em podcast a fim de desenvolver uma narrativa de linha temporal e modelo episódico acerca do movimento Grunge e diferentes aspectos que o cercam. O trabalho contextualiza o Grunge como movimento que possibilitou a expressão de uma vertente estética, musical e comportamental derivada do rock. Sendo assim, a proposta tomou forma na produção de três episódios do podcast e foi descrita e comentada a partir de um diário de campo sobre os processos utilizados durante a confecção do produto.

Palavras-chave: grunge; jornalismo musical; movimentos musicais; podcasting; rock alternativo

Sumário

INTRODUÇÃO	6
1. Grunge: Antecedentes e influências musicais	8
1.1 Seattle: do punk ao proto-grunge	10
1.2 Do início ao fim de uma revolução	12
2. Jornalismo de música e podcasting	17
2.1 Podcasting	20
3. Proposta	24
3.1. Planejamento de episódios	24
4. Diário de campo	26
5. Considerações finais	29
REFERÊNCIAS	31
Apêndice A - Roteiro “Flanela” - Parte I - Podcast Garagem de Flanela	33
Apêndice B - Roteiro “1994” - Parte II - Podcast Garagem de Flanela	49
Apêndice C - Roteiro “Epitáfio” - Parte III - Podcast Garagem de Flanela	65
Apêndice D - Lista das músicas utilizadas no podcast	78

INTRODUÇÃO

*Eu sou pior no que
faço de melhor E por essa
dádiva eu me sinto
abençoado Nosso pequeno
grupo sempre foi assim
E sempre será até o fim.¹*
Kurt D. Cobain

Derivada de uma infância e adolescência marcada por uma forte relação afetiva com a música e especialmente pelo rock, a paixão pelo Grunge surgiu logo cedo em minha vida. Mais tarde, descobri uma afinidade pelo consumo e subsequentemente a idealização e produção de podcasts, durante o começo de minhas atividades acadêmicas. Portanto, por meio da união destes gostos à prática jornalística, que neste contexto assume funções de pesquisa, apuração e sintetização de informações em um formato de consumo midiático, foi realizado um produto sonoro como trabalho de conclusão de curso. O podcast “Garagem de flanela” abarca três episódios, divididos por tema e recorte temporal. Amparado pelos conhecimentos sobre ferramentas de pesquisa, contextualização informativa e crítica musical adquiridos durante minha formação acadêmica, o produto atinge uma abordagem que possibilita a mistura entre perspectivas pessoais e factuais acerca do delineamento proposto. A proposta é narrar e expor, por meio da linguagem sonora, a história do começo, meio e “fim” do som de Seattle, o Grunge.

A produção narrativa “Garagem de flanela” propõe uma discussão sobre o movimento, utilizando de um modelo episódico, que prioriza a possibilidade da discussão em tópicos sobre diversos assuntos que outrora poderiam passar despercebidos. A realização desse podcast também ressalta a importância do jornalismo de música como propagador de discussões acerca das mais variadas vertentes musicais e sociais.

O primeiro capítulo deste memorial visa realizar uma exposição detalhada do Grunge de modo que sustente a discussão do recorte temporal, estético e circunstancial desejado. Isto é, ele discorre sobre as influências musicais, históricas e culturais que levaram ao desenvolvimento do gênero. Destacamos os eventos que podem ter ocasionado impactos significativos e listar os principais agentes de transformação que fizeram com que este fosse reconhecido como um importante período de transição e revolução na indústria musical.

¹ Trecho da canção “Smells Like Teen Spirit”, Album: Nevermind, 1991. No original: I'm worse At what I do best And for this gift I feel blessed Our little group has always been And always will Until the end.

No segundo capítulo, abordamos a produção de um podcast narrativo dentro do contexto do jornalismo de música. Esse formato sonoro, além de possibilitar que o ouvinte escute as músicas, pode assumir o papel de explorar as histórias pessoais dos músicos, as circunstâncias que levaram à criação de suas músicas e as lutas que enfrentaram ao longo do caminho. Isso permite que os ouvintes conheçam as vozes por trás da música, entendendo assim suas motivações, aspirações e anseios, articulando os relatos com os próprios sons em questão. Há também a discussão sobre o cenário musical da época, a cena de Seattle, as influências culturais e as mudanças sociais que contribuíram para o surgimento do movimento. Isso ajuda os ouvintes a entenderem como o grunge se encaixa na história mais ampla da música popular e como ele refletiu e respondeu aos desafios e sentimentos de sua época de origem. Além disso, fazemos uma breve exposição sobre a natureza do gênero podcast e as especificidades que o caracterizam como uma opção de produção midiática. Após a exploração da pluralidade do formato, é possível reconhecer sua capacidade no campo da difusão da informação, principalmente ao mirar uma conexão com a produção jornalística contemporânea.

No terceiro capítulo, é detalhada a proposta do podcast considerando aspectos técnicos e narrativos de cada episódio, abarcando também a discussão sobre o método de produção escolhido. Por fim, há também uma seção deste memorial dedicada a um diário de campo que apresenta os relatos observados durante a execução de todas as etapas necessárias para o desenvolvimento do produto, seguido das considerações finais.

1. Grunge: Antecedentes e influências musicais

Antes de bandas grunges serem pensadas como pertencentes a um gênero musical solidificado, com especificidades estéticas e comportamentais em comum, é necessário entender a razão de sua existência e reconhecer as principais fontes das quais o movimento tomou inspiração. Após uma era de domínio mercadológico da “beatlemania” e artistas similares no cenário musical mainstream ocidental durante a década de 1960, uma onda de rebeldia e insatisfação abriria caminho para a formação de dois grandes gêneros musicais do rock; o *Heavy Metal* e o *Punk Rock*.

No meio desse caminho houve ainda o *Hard Rock*, que dominou as décadas de setenta e oitenta. Com raízes no rock de garagem britânico e no rock psicodélico americano, o termo *Hard Rock* começou a ser utilizado no fim da década de 1960 para descrever bandas que tinham um som mais potente, pesado e veloz do que o rock convencional. Algumas das bandas pioneiras desse gênero foram The Kinks, The Who, The Yardbirds, Cream, Led Zeppelin e Deep Purple. Para o autor Robert Walser (1993), o *Hard Rock* expressava tensões entre a busca pela liberdade individual em contraposição às restrições da sociedade moderna. O estilo se tornou um dos gêneros mais populares e influentes do rock nas décadas de 1970-1980, influenciando outras vertentes como o *Heavy metal*, o *Glam Rock*, o *Punk Rock*, o *New Wave* e posteriormente parte do cenário alternativo que levaria ao grunge. Durante um primeiro momento, o *Hard Rock* foi uma forma de resistência à comercialização do rock, reafirmando o caráter criativo e a rebeldia juvenil expressados musicalmente (Frith, 1996).

De forma paralela a isso, em 1970, a então recém-formada banda Black Sabbath lança seu primeiro álbum comercial, “*Black Sabbath*”. Marcado por uma sonoridade agressiva e diferente do rock de seus contemporâneos, o álbum logo ganhou notoriedade dentro da embrionária cena do *Heavy Metal* britânico, que também dialogava com o Led Zeppelin e Deep Purple. Apesar da delimitação dos lançamentos que formaram esse período e da ainda notável proximidade ao *Hard Rock*, já era perceptível uma mudança nas tendências musicais do rock naquele momento.

Já o *Punk Rock*, inserido em um recorte de tempo próximo e contexto majoritariamente anglo-americano, estreou a década de setenta com artistas que definiram características marcantes do movimento antes mesmo que fosse reconhecido como tal. Do comportamento errante de Iggy Pop enquanto membro dos Stooges, da pioneira londrina Sex Pistols e ao som inequívoco dos Ramones e The Clash, o início do *Punk Rock* evidencia um forte sentimento de apatia e alienação cultural, assim como um desejo de romper esses

padrões vigentes na indústria musical e sociedade daquela época (Marcus, 1989). Apesar da permanência em seu nicho e de ter influenciado incontáveis artistas em diferentes gêneros musicais por muito tempo, o punk não experimentou a explosão e o contínuo sucesso comercial na mesma escala que o *Heavy Metal* durante os anos subsequentes.

Após a virada da década de setenta, o rock viveu novamente um momento de grande presença mainstream na indústria musical, seja de modo direto ou indireto. As guitarras elétricas haviam se tornado instrumentos presentes na maioria dos grandes estúdios, assim como a prática habitual de vários artistas em incorporar riffs e solos nas obras. O *Metal* por sua vez, já havia se solidificado como gênero musical, com estéticas e produções musicais características de seus contemporâneos na cena independente. Bandas como Iron Maiden, Metallica, Slayer e o próprio Black Sabbath tiveram, durante este período, álbuns que atingiram sucesso absoluto em vendas, até mesmo no mercado mainstream.

Novamente encontrando-se em uma posição de contra cultura e vivendo o ostracismo na indústria, o punk e suas variadas derivações (como o *New Wave* e o *Hardcore*) começaram a ganhar força em diversas cenas musicais em várias partes dos Estados Unidos. Primariamente situado em uma das maiores capitais culturais do mundo, o punk californiano começou a tomar o espaço independente previamente ocupado pelo rock clássico e pelo “*Hair Metal*”, popularizado nos anos 70 por bandas como Aerosmith e Van Halen. Apesar do sucesso comercial em larga escala dessas bandas continuar por toda a década de 80, a semente do punk foi plantada e regada de maneira crescente, junto a um sentimento de insatisfação com o rock da época, que já estava sendo criticado por se tornar demasiadamente produzido, industrializado e comercial.

1.1 Seattle: do punk ao proto-grunge

Antes do uso da nomenclatura grunge, existia apenas o som de Seattle e seus arredores. Fundada nos pilares do punk rock e do *Metal*, o cenário independente da cidade chuvosa do estado de Washington, na costa noroeste dos EUA, desabrocha-se cada vez mais na década de 80, caminhando na direção de uma sonoridade característica, que mais tarde seria atrelada inteiramente àquela região do país. Curiosamente, parte da razão que justifica essa cena local tão vibrante e participativa, era justamente uma carência sentida pelos residentes de Seattle. Por se tratar de um polo primariamente industrial e geograficamente mais afastado dos principais epicentros culturais americanos, a “cidade esmeralda”, como também é chamada, acabou sendo por vezes esquecida por muitos artistas em tour, que geralmente apenas se deslocavam até Portland e Salt Lake City, enxergando Seattle em uma luz secundária.

Todas essas características espaciais causaram o surgimento de uma cultura de bandas caseiras, em que músicos começaram a se reunir nas garagens de suas casas e de amigos para compor, tocar e praticar o som que uma década depois seria reconhecido além do clima frio e úmido da região:

Quase todos os clichês, boatos e lendas urbanas sobre Seattle e seus arredores são verdade ou quase verdade: chove mais de trezentos dias por ano. Há muitos hippies velhos e existem historicamente mais assassinos em série per capita lá do que em qualquer outra área do país [...] A piada na cidade é de que é chuvoso e deprimente o tempo todo, então obviamente as pessoas vão ficar em seus porões e tocar rock alto, e isso não é muito longe da verdade. (ANDERSON, 2007 p.15 - tradução nossa).²

Durante a explosão punk na década de setenta, bandas como os Sex Pistols e os Ramones tiveram um papel de formação e inspiração de uma segunda geração de jovens bandas que rapidamente conquistaram popularidade no cenário underground. O movimento *Hardcore* americano propulsionou grupos como T.S.O.L, Black Flag e Dead Kennedys a um estrelato que mais tarde serviria de base construtiva a outros músicos do estilo. (Anderson, 2007).

^{2 2} Do original: “Just about every cliché, rumor, and urban legend about the greater Seattle area is true or just about true: It rains over three hundred days a year. There are a lot of old hippies. There are historically more serial killers per capita there than in any other area of the country [...] The joke around town is that it’s rainy and depressing all the time, so obviously people are going to stay in their basements and play loud rock music, and that’s really not too far from the truth.

Intitulado “*My War*” e inaugurado pela banda Black Flag em 1983, o segundo álbum de estúdio do grupo oriundo do sul da Califórnia ganhou muita notoriedade na cena punk em todo o território americano. O som devagar e sujo da banda de *Hardcore* ampliava conceitos geralmente abarcados pelo punk americano, marcado pela sonoridade metálica, rápida e agressiva, em partes influenciada pelo *Heavy Metal* e *Hard Rock* setentistas, o álbum acabou por capturar uma estranha admiração entre diversos músicos ativos na cena de Seattle, que começaram a incorporar e emular algumas destas características em suas próprias bandas. Notoriamente, os vocalistas Andy Wood, do Mother Love Bone, Chris Cornell do Soundgarden e Buzz Osborne dos Melvins tiveram grande participação neste feito que culminou na mistura, formação e evolução do que seria caracterizado um dia como a definitiva “sonoridade grunge”. Ademais, junto ao Malfunkshun e Soundgarden, três outras bandas são consideradas importantes contribuidores do “proto-grunge” — The Melvins, Green River e Screaming Trees. Enquanto todos os três criam seu próprio giro único em sons clássicos de *Hard Rock*, todos também têm suas raízes no punk. (Prato, 2009).

Após um processo de amadurecimento, desenvolvimento e caracterização dessa nova fase da música de Seattle, um importante marco na solidificação do movimento foi o lançamento do álbum de compilação “*Deep Six*”, pela recém-estabelecida gravadora C/Z Records em 1986. O disco continha canções de seis bandas da cena local de Seattle; Malfunkshun, Green River, The U-Men, Soundgarden, Skin Yard e The Melvins, que foram apontadas como as primeiras bandas a definir tanto um som como uma estética sólida que mais tarde seriam atribuídas ao grunge. Pode-se dizer que o álbum atuou como uma espécie de curadoria especializada, cujo objetivo era encapsular a atmosfera da cena naquele momento:

Embora nenhum deles tenha sentido o cheiro do mesmo sucesso comercial que seus protegidos mais tarde colecionariam, as primeiras bandas grunge ajudaram a estabelecer não apenas uma qualidade sonora que outras bandas ainda estavam experimentando e brincando ao longo do tempo para atingir, mas também uma atitude e uma estética geral que, bem ou mal, ditou o que era e o que se tornaria o grunge na década seguinte. O *Deep Six* não moveu muitas unidades, mas encorajou muitas bandas a chegarem até a mesa, e é assim que as revoluções geralmente começam. (ANDERSON, 2007. p.26 - tradução nossa).³

³ Do original: “Though none of them caught even a whiff of the same commercial success their protégés would later collect, the early grunge bands helped establish not only a sonic quality that other bands toyed with and mutated over time but also an attitude and a general aesthetic that, for better or for worse, dictated what grunge was and what it would become in the next decade. *Deep Six* didn’t move a lot of units, but it did embolden plenty of bands to come to the table, and that’s how revolutions usually begin.”

Ainda que a camaradagem entre as bandas e o público que frequentava os shows ajudasse a fomentar e engajar a cena de modo orgânico, era visível que apenas isso seria incapaz de fazer com que o sucesso comercial fora de Seattle chegasse. Portanto, iniciativas como o “*Deep Six*”, embora não tenham batido nenhum recorde de vendas ou nada parecido, tiveram importância em disseminar bandas que outrora não teriam espaço além das mixtapes entre amigos e uma ocasional transmissão radiofônica local.

É da metade ao fim da década de 1980 que o som de Seattle realmente começa a ganhar notoriedade além da cidade e dar os primeiros passos rumo ao estrelato e reconhecimento nacional e internacional (Prato, 2009). Membros do Malfunkshun e Green River se juntaram para formar o Mother Love Bone, liderado pelo vocalista Andrew Wood, que vinha encantando plateias com seu comportamento e presença de palco que já configuravam os de um rockstar veterano. A banda também contava com Jeff Ament e Stone Gossard, estes que mais tarde se uniriam novamente para integrar o Pearl Jam junto a Eddie Vedder. Também foi durante este tempo que aconteceu a formação do Mudhoney, grupo reunido pelo guitarrista, vocalista, e ex-Green River Mark Arm, que teve papel crucial na disseminação da cena. Arm também é creditado como um dos primeiros músicos da cena a utilizar o termo grunge para se referir ao rock alternativo de Seattle como gênero musical próprio. Apesar da aceitação do termo por agentes do movimento como Arm, nem todos assimilaram o termo no mesmo aspecto positivo. Em entrevista ao Loudwire⁴ no ano de 2021, Ben Shepherd, ex-baixista do Soundgarden, revela “odiar profundamente” a palavra, acrescentando ainda que na época preferia não ser associado ao termo.

1.2 Do início ao fim de uma revolução

Apesar dos horizontes oblíquos que envolviam a cidade de Seattle e seu som, uma banda conseguiu, de maneira quase repentina e definitivamente inesperada aos olhos de quem não fazia parte do cenário *underground* da cidade, furar todas e quaisquer noções de bolha, elevando seu espaço ao topo da indústria musical. Diretamente de Aberdeen, cidade a 175 KM de Seattle, surge o Nirvana, com Kurt Cobain nos vocais e guitarra, Krist Novoselic no baixo e Dave Grohl na bateria. Ainda que o comercialmente notável “*Bleach*” (1989) produzido pela gravadora independente de Seattle Sub Pop Records tenha conquistado sua parcela de admiradores, o *Magnum Opus* do grunge só elevaria o Nirvana ao status global no ano de 1991. Produzido pela já estabelecida e respeitada gravadora musical Geffen Records

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zx7HwDCF5SE&t=5s>

(que na época também produziu dois álbuns do gigantesco Guns n' Roses), o álbum "*Nevermind*" conseguiu catapultar o grunge a níveis estratosféricos. O sucesso foi tão indiscutível, que em 1992, meses após o lançamento inicial, "*Nevermind*" estava em primeiro lugar na Billboard, fazendo com que Michael Jackson, em estreia de "*Dangerous*", ficasse com o segundo lugar.

Ainda neste período eufórico "pós-nevermind", o álbum vendeu cerca de 300 mil cópias só no mercado estadunidense, o que também acabou por estimular o interesse do público nas melhores bandas grunge do momento:

O sucesso de *Nevermind* abriu as comportas para dezenas de bandas que chegaram ao mainstream sem sacrificar sua dignidade ou integridade no processo. O Pearl Jam teve sucesso com sua autoconsciência rock dos anos setenta; o Soundgarden virou o metal estilo Sabbath do avesso; Alice in Chains canalizou suas letras confessionais através do prisma do rock psicodélico no melhor estilo Iron Butterfly. Era uma boa época para ser fã de música de guitarra, porque não importa que tipo de música de guitarra você gosta, havia sempre alguém tocando com mais paixão e convicção do que qualquer um tinha ouvido em muito tempo. (ANDERSON, 2007. p.9-10 - tradução nossa).⁵

Complementando o enorme sucesso do Nirvana nesse período entre 1990 e 1992, outras três grandes bandas emergentes do Grunge lançaram seus maiores e mais valiosos álbuns naquele momento; Pearl Jam com o álbum "*Ten*" em 1991, Soundgarden com "*Badmotorfinger*" também em 91 e o Alice in Chains com "*Dirt*", em 92:

A Corrida do Ouro do Grunge foi um período único de três anos, aproximadamente de 1992 a 1995, quando bandas estrondosas e anti-tudo, como Butthole Surfers, Fetus e Ween, tinham benfeitores que lhes pagavam centenas de milhares, até milhões, para fazer o que sempre fizeram. Arrastados na rede da indústria fonográfica durante este tempo estavam superstars do rock duradouros (Pearl Jam, Stone Temple Pilots, Tool) e fracassos comerciais que nunca tiveram nenhum negócio perto de uma grande gravadora (Cell, Quicksand, Steel Pole Bath Tub, Jawbox). (KNOPPER, 2018 - tradução nossa).⁶

⁵ Do original: "The success of *Nevermind* opened the floodgates for dozens of bands who broke through to the mainstream without sacrificing their dignity or integrity in the process. Pearl Jam succeeded with their self-conscious seventies rock; Soundgarden turned Sabbath-style metal inside out; Alice in Chains channeled their confessional lyrics through the psych-rock prism of Iron Butterfly. It was a good time to be a fan of guitar music, because no matter what sort of guitar music you were into, there was somebody playing it with more passion and conviction than anybody had heard in a long time."

⁶ Do original: "The Grunge Gold Rush was a unique three-year period, from roughly 1992 to 1995, when roaring, anti-everything bands such as Butthole Surfers, Foetus and Ween had benefactors who paid them hundreds of thousands, even millions, for doing what they'd always done. Swept up in the record industry's net during this time were lasting rock superstars (Pearl Jam, Stone Temple Pilots, Tool) and commercial flops that never had any business being close to a major label (Cell, Quicksand, Steel Pole Bath Tub, Jawbox)."

Culturalmente legitimado, o grunge começa realmente a atrair os holofotes midiáticos para si e parcialmente para o fenômeno musical de Seattle. De 1990 a 1994, o gênero e seus principais agentes navegaram por uma extensa onda de exposição midiática em todas as faces possíveis. Na medida em que novas bandas eram formadas, mais se dava a tentativa de comercializar a estética do grunge nos mais variados contextos sociais. O estilo havia se fundido à cultura pop americana dos anos noventa, não somente pela sensibilidade sonora, mas também pelo modo de se vestir, agir, comprar e pensar; para os apreciadores daquela música, passou a fazer parte do espírito da época. Embora parte desta onda possa ser atribuída majoritariamente à recepção positiva por parte do público que consumia aquele som, existiam ainda outros ocasionadores.

Notavelmente, o líder do Nirvana, Kurt Cobain, tinha uma visão mais ácida sobre a então recente explosão de sua banda e do gênero com um todo:

O Nirvana tinha uma ideia. Kurt Cobain, o líder, não tinha um interesse particular em 'rock alternativo' como um gênero, mas certamente se via como parte da oposição do rock 'n' roll. Enquanto o Nirvana era transformado, no espaço de alguns meses, de um favorito do underground em um fenômeno mundial que liderava as paradas, Cobain tentou garantir que os ouvintes entendessem que a banda, que foi criada na cena pós-punk de Seattle, não era como as outras bandas que tocavam no rádio. 'Nós não vamos nos orgulhar do fato de que há um monte de fãs do Guns N' Roses que gostam da nossa música', ele disse, enquanto 'Smells Like Teen Spirit' começava a fazer sucesso. (SANNEH, 2021 - tradução nossa).⁷

Durante uma época em que as condições do ofício musical e a logística de distribuição do material de artistas populares não atingiam os mesmos níveis de acessibilidade atuais, canais de televisão, gravadoras e obrigações contratuais de turnê resultavam em menos autonomia dos músicos sobre sua própria produção.

O recém-descoberto sucesso comercial do grunge, no entanto, foi acompanhado por tragédias. Em 1994, Cobain morreu tragicamente e causou um impacto profundo no movimento e na cena da música popular em geral. Embora o grunge tenha perdido sua popularidade mainstream nos anos seguintes, seu legado permaneceu influente, e muitas bandas continuaram a explorar os elementos do gênero em sua música. Esse legado não só impactou o campo de influências musicais em larga escala, como também na forma como as

⁷ Do original: Nirvana had an idea. Kurt Cobain, the leader, had no particular interest in “alternative rock” as a genre, but he certainly did see himself as a member of the rock 'n' roll opposition. As Nirvana was transformed, in the course of a few months, from an underground favorite to a worldwide chart-topper, Cobain tried to make sure listeners understood that the band, which had been nurtured in Seattle’s post-punk scene, wasn’t like the other bands on the radio. “We’re not going to be proud of the fact that there are a bunch of Guns N’ Roses kids who are into our music,” he said, as “Smells Like Teen Spirit” was taking off.

bandas se relacionavam com o público e a indústria musical. (Azerrad, 1993).

Mesmo antes daquele fim trágico, a situação emocional de Cobain, em retrospecto, pode ser classificada de várias formas, exceto “inesperada”. Muitos notaram que os temas sombrios, habitualmente abordados pelo gênero, estavam presentes de forma exacerbada no último álbum do Nirvana, o “*In Utero*” de 1993. Soava como um ajuntamento de desabafos finais de Kurt, que já naqueles próximos meses se tornaria uma pessoa de difícil contato. O cantor e compositor Neil Young, por sua vez conhecido como um dos mais influentes artistas do século XX, padrinho do Grunge e referência importante para o uso da camisa de flanela, foi um dos que tentou falar com Kurt em seus dias finais, porém não obteve sucesso. Young ainda declarou ter ficado arrasado quando soube que o líder do Nirvana havia mencionado, em sua carta de suicídio, um trecho da canção “*Hey Hey, My My*”, de sua autoria. Em 1994, Neil e o grupo Crazy Horse, com que colaborava musicalmente, lançaram o álbum “*Sleeps With Angels*”, dedicado a Cobain e seu legado.

Muito se discute sobre quando exatamente “morreu” o grunge. Enquanto há quem estabeleça a morte de Kurt durante como um marco, outros insistem que a inundação de bandas que buscavam emular o sucesso do Nirvana também contribuíram para este processo, causando uma sensação de saturação naquele mercado. É inegável que o estilo também ficou marcado pelo suicídio de Kurt e as recorrentes tragédias com drogas desde o princípio; Andrew Wood, frontman do Mother Love Bone, havia falecido em decorrência de uma overdose de heroína antes de Kurt, em 1990. Anos depois, Layne Staley e Mike Starr, ambos do Alice In Chains, também partiriam em função do abuso de drogas.

Nos anos subsequentes à morte de Cobain e do notável declínio de popularidade do grunge, agentes da indústria musical tentam suprir esta carência presente no cenário do rock alternativo, atingindo variados níveis de sucesso. Apesar da perceptível parcialidade de Kyle, é inegável a busca por bandas que copiassem essa estética, como Candlebox e Stone Temple Pilots, que não tinham muita conexão com a cena de Seattle, mas soavam parecidas e estavam dominando as rádios. Para o crítico de música Kyle Anderson (2007), um exemplo desse esforço de emulação eram bandas como Creed e Nickelback, que embora comercialmente validadas, demonstravam um vazio enorme aos olhos de um movimento que um dia havia jurado contra-atacar tal prática.

De 1994 aos dias atuais, uma das principais bandas herdeiras do período grunge permanece elegível a um destaque extra; fundado pelo ex-Nirvana Dave Grohl, o Foo Fighters segue no desenvolvimento de uma sonoridade que possui raízes estabelecidas nos tempos áureos do rock alternativo de Seattle. Embora oriundo desta mesma base musical, o grupo

assumiu uma identidade própria durante os anos, sendo capaz de assimilar outras tendências no escopo do rock e da música popular. Sucessos como *“Everlong”* (1997), *“Learn to Fly”* (1999) e *“Best of You”* (2007) atingiram sucesso comercial mainstream em seus respectivos lançamentos, solidificando a posição da banda como uma das maiores e mais influentes do gênero na atualidade. Ademais, para Anderson (2007) o trabalho de Dave Grohl é notável ao considerar que o sucesso obtido pelo Foo Fighters foi construído com uma relativa autonomia em relação à notoriedade obtida pelo Nirvana, embora parte do público anterior o tenha acompanhado.

As influências do grunge ainda ecoam em parte da produção e cena do rock alternativo atual junto a seus significados estéticos e sociais, que embora muito amarrados a um determinado período do fim do século XX, mostraram-se à prova do tempo em relação a sua relevância cultural.

2. Jornalismo de música e podcasting

O jornalismo musical e cultural do século XXI difere bastante das redações cheias de máquinas de escrever, releases chegando pelos correios e o grande foco nas colunas de jornal dos mais renomados críticos de outrora. A cobertura e a crítica de música, especificamente, têm um papel confuso nos dias atuais, justamente pela enorme diversidade e propagação de uma determinada obra.

Para o autor Maurício Stycer, existem problemas e desafios que dificultam a vida do jornalista cultural de hoje; excesso de oferta, publicidade exagerada, excesso de espaço midiático, assessorias de imprensa, rejeição de pautas importantes e jornalismo de fofoca de celebridades (Stycer, 2007).

De fato, a presença de tantos meios para o consumo tanto da música quanto da cobertura especializada, pode deixar qualquer um “a ver navios” quando se trata de uma busca por algo específico. A curadoria das colunas dos críticos do passado fazia com que o escopo cultural fosse menor, mas de certa forma, melhor recomendado. O jornalismo musical, como todas as formas de comunicação, foi profundamente impactado pela revolução digital. A democratização da crítica, a proliferação de novas plataformas e o novo papel das redes sociais alteraram o campo de maneiras profundas e permanentes. Embora esses desafios exijam adaptação, também abrem novas oportunidades para formas inovadoras de se comunicar sobre música, possibilitando assim a criação de um cenário em que a pluralidade de vozes é maior do que em qualquer período desde a invenção da prensa móvel.

Outro grande desafio do jornalismo musical nos dias atuais é a monetização do conteúdo. Com a transição das publicações físicas para o meio digital, diversos veículos tradicionais tiveram que enfrentar dificuldades para manter suas operações de modo sustentável e lucrativo. Inúmeras publicações icônicas tiveram que se reinventar ao adotar modelos de assinatura, parcerias com marcas e até a produção de conteúdo patrocinado, muitas vezes disfarçado de opinião do autor em relação ao viés implicado no texto ou mídia produzida.

Se antes o público consumidor de música esperava uma crítica ou opinião sobre um determinado álbum, artista ou canção antes do consumo, agora existe a possibilidade de se ver, ouvir e experimentar em primeira mão com apenas um simples toque ou clique em alguma das dezenas de plataformas de streaming e serviços por assinatura. Isso não necessariamente significa que a crítica perdeu sua relevância, mas sim que teve que se transformar forçadamente se quisesse permanecer em evidência. Muitos críticos e jornalistas

passaram a explorar nichos e oferecer nuances, subjetividade e criatividade em seus textos, ao invés de apenas estampar um selo de bom ou ruim para determinada obra:

Com o desenvolvimento da comunicação em rede a partir da afirmação da cultural digital, a ideia de cluster (aglomeração) acabou por espalhar-se para além do universo da computação, usualmente o termo significava ajuntamento de computadores trabalhando em rede, hoje fala-se em cluster de empresas, cluster de marketing e até clusters de vídeo. Procurando repensar as categorizações e os gêneros musicais nesta perspectiva parece-me oportuno pensar a música através da constelação de conceitos. (JANOTTI JR., 2020. p.53).

Justamente pela imensa quantidade de bolhas, gêneros musicais, e tribos diferentes, se torna impossível até definir o que seria considerado em outrora como *mainstream* para os ouvintes mais exigentes. Hodiernamente, a centralização da informação foi praticamente dissolvida por completo. A internet permitiu que qualquer pessoa com acesso a uma conexão e algum conhecimento sobre música pudesse compartilhar suas opiniões livremente, indiretamente promovendo uma democratização da crítica musical. Sites e blogs, canais de YouTube, perfis de Instagram e até do Twitter se tornaram veículos legítimos de informação musical, e, muitas vezes, superaram a audiência até dos meios tradicionais. Esse fenômeno contemporâneo, embora positivo pelo lado do público consumidor, também trouxe à tona a questão da qualidade e confiabilidade das informações divulgadas. Nem sempre os conteúdos são produzidos com a mesma rigidez editorial dos falecidos jornais ou revistas tradicionais de antigamente, o que pode gerar uma fragmentação da informação e dificultar o acesso a análises mais aprofundadas.

Outra solução que alguns jornalistas estão adotando é a migração para plataformas de financiamento coletivo, como o Patreon e as funções de membros em plataformas como o Instagram e Youtube, onde podem pedir apoio diretamente de seus leitores e seguidores, a depender da plataforma escolhida. Também temos plataformas como a Medium, que proporciona um blog livre e gratuito para jornalistas independentes produzirem artigos ou levantarem pautas que estejam sendo negligenciadas nos veículos midiáticos tradicionais. Com isso, estes jornalistas podem pedir aos leitores que realizem doações pelos mais diversos meios; Pix, Paypal, criptomoedas etc.

A grande sacada do jornalismo de música no momento parece ser de fato o mergulho de cabeça em nichos e meios onde os meios tradicionais não conseguem acesso; produções independentes, periféricas ou até de outros países. Realmente furar a bolha cultural e agir de modo que não se crie uma jaula intelectual que limita a profissão jornalística em sua

plenitude.

Ademais, se tratando do objeto de estudo deste memorial e do produto referente, existem alguns veículos independentes que se focam inteiramente no nicho do grunge e da música alternativa, tanto das novas quanto das velhas. Um destes a se destacar é o portal Grunge Bible⁸, que além do portal na web, dispõe de perfis no Instagram e Twitter, onde se dedicam a destrinchar e conversar sobre o estilo musical em seu podcast de mesmo nome, além é claro das entrevistas, artigos, críticas e peças de opinião sobre os mais variados assuntos dentro do escopo do grunge e do rock alternativo. A reinvenção da prática do jornalismo cultural engloba muito mais do que um olhar despercebido pode observar; desde a cobertura musical aos mais cinéfilos entre o meio.

Tudo mudou tão rapidamente que até poucos anos atrás, era difícil encontrar publicações que debatiam sobre o tema. Já mais recentemente e felizmente, o tema tem sido abordado de maneira mais profunda e até oferecido como a disciplina de Jornalismo Cultural em grades curriculares de graduação em bacharelado (Basso, 2008).

Neste sentido, cadernos, seções e suplementos que noticiam e analisam os eventos classificados genericamente como “culturais” não fazem mais que reproduzir uma mesma concepção do jornalismo em geral, isto é, uma atividade marcadamente dominada por interesses empresariais que se impõem aos veículos por seu valor de mercado, empobrecendo a dimensão social da notícia. (FARO, 2006, p. 147).

As críticas de diversos autores sobre o jornalismo cultural se provaram verdadeiras ao olharmos no túnel do tempo e compararmos com o que temos nos dias atuais, mais marketing e propaganda travestidos de jornalismo sério e objetivo.

Em comparação ao jornalismo de música atual, os profissionais de antes tinham uma visão um tanto e uma certa liberdade para expressá-la; visto que, se entendia a prática como o mesmo papel que tem um fan, isto é, não apenas julgar, mas expressar e partilhar da mesma paixão pelo objeto de análise: a música, mesmo que seja necessário uma honestidade brutal (Bangs, 1987).

Ademais, o jornalista e autor Hunter S. Thompson, ícone do jornalismo gonzo e creditado por sua criação e popularização, também tinha sua visão e ideias sobre seu consumo de música:

■

A música sempre foi uma questão de energia para mim, uma questão

⁸ Disponível em: <https://www.grungebible.com/>

de combustível. Pessoas sentimentais chamam isso de inspiração, mas o que eles realmente querem dizer é combustível. Eu sempre precisei de combustível. Eu sou um sério consumidor. Em algumas noites eu ainda acredito que um carro com a agulha de gás vazia pode executar cerca de 50 milhas a mais se você tem a música certa muito alta no rádio. (THOMPSON, 2003, p.189).

Observa-se tamanha diferença entre as épocas do jornalismo musical justamente quando começa a entrar em pauta o meio digital ainda em seus primórdios. Por anos veículos tradicionais da mídia tentaram ignorar a presença de tal bolha, até que ela se expandiu de maneira que passou a ser o mainstream em consumo de mídia por todo o mundo, consolidando-se finalmente no século XXI. Nos dias atuais, é exceção quem ainda para para ler um jornal impresso, por exemplo, seja por pura nostalgia e saudosismo ou apenas velhos hábitos que são difíceis de morrer para determinados indivíduos.

2.1 Podcasting

Já solidificado no leque de consumo informativo e de entretenimento entre o público brasileiro, o podcast destacou-se pela rapidez em que foi adotado mundialmente desde sua concepção durante o início dos anos 2000. Por se tratar de uma espécie de expansão do rádio, o formato compartilha algumas similaridades em relação a sua trajetória até o ouvinte, que em grande parte prefere escutá-lo simultaneamente ao desenvolvimento de afazeres do dia-a-dia (PodPesquisa, 2018).

Ademais, a diversidade nos métodos de abordagem, tematização, desenvolvimento e comercialização do podcast como produto audiofônico faz com que ele possa se encaixar em um cenário de produção mainstream, em partes mais acessível que outros meios populares. Parte desse fator de acessibilidade realizou-se em paralelo ao avanço da web 2.0, que trouxe consigo a ascensão de tecnologias que fomentaram a participação do usuário na escala produtiva (Herschmann, Kischinhevsky, 2008).

Conforme a recuperação histórica desenvolvida por Bonini (2020) sobre a tecnologia, o termo “podcast” surgiu da combinação entre “*broadcast*” e “*pod*”, referenciando o iPod, dispositivo da Apple. Essa definição engloba também o caráter primordial de consumo da mídia, que deu-se por meio da prática da escuta do áudio em aparelhos portáteis. Anteriormente ao modo de produção e organização análogos aos dos programas de rádio de outrora, o podcast teve seu início a partir de uma proposta simples, que ocorria por meio da seleção de sequências musicais escolhidas pelo ouvinte (Bonini, 2020).

De acordo com o autor Tiziano Bonini (2020, p. 16) , até o ano de 2014, embora

difundidas, as pesquisas mais mencionadas relativas ao *podcasting* ainda se concentram primariamente na análise da disseminação da produção radiofônica por meio do *podcasting*, bem como na mudança gradual de um público que assume o papel de produtor de conteúdo:

Crofts et al. (2005) escreveram que o *podcasting* “representa uma mudança da radiodifusão massiva para uma mídia personalizada, sob demanda”. Dearman e Galloway (2005) voltaram suas atenções para o poder disruptivo do *podcasting*, descrevendo-o como uma “tecnologia de escape” (N. do T.: no original, “bypass technology”), através da qual pessoas podem publicar conteúdo sem passar pelos tradicionais centros da comunicação (estações de rádio e TV, públicas e comerciais). Gallego (2005) defendeu que o *podcasting* estava permitindo o ressurgimento de um modelo “artesão” de fazer rádio. Berry (2006) enfocou sua pesquisa na portabilidade, na intimidade e na acessibilidade desse novo meio, que ele percebeu como uma contribuição à construção de “um cenário em que as audiências são produtoras” (BERRY, 2006, p. 143).

Embora o fator acessibilidade tenha sido um dos propulsores iniciais do cenário de *podcasting* mundialmente, a sustentabilidade do formato dentro de um vasto campo de opções também pode ser vinculada de modo intrínseco a sua capacidade de criação a partir das vozes que a permeiam. Para a pesquisadora Virginia M. Madsen (2009):

Em *podcasting* e streaming de mídia arquivada, estamos testemunhando a criação e a reativação de um vasto reservatório de vozes. As vozes da transmissão não desaparecem mais no éter a cada momento que passa; não são mais letras mortas ou confinadas ao circuito fechado do casal ativista, ou mesmo para ressoar apenas na memória de uma geração de ouvintes. Essas são vozes, no entanto, que requerem uma matriz de sustentação para germinar e prosperar; através deste meio, se sustentados, eles podem muito bem ter a chance de continuar falando conosco no futuro (MADSEN, 2009 - tradução nossa).⁹

Estes estudos indicam que o *podcasting* traz alterações marcantes na paisagem da radiodifusão, capacitando os ouvintes e desafiando os modelos tradicionais de produção e disseminação de conteúdo. Entretanto, reconhece-se que a pesquisa sobre *podcasting* ainda é limitada, focalizando em áreas como democratização, a transformação do público e o efeito nas práticas de audição.

A história da difusão do podcast é similar a de outras tecnologias que também subverteram os valores de acessibilidade de todo um campo midiático. Assim como elas,

⁹ Do original: “In *podcasting* and archived streamed media, we are witnessing the creation and the reactivation of a vast reservoir of voices. Broadcast voices no longer fade into the ether with each passing moment; no longer are they dead letters or confined to the closed circuit of the activist couple, or even to resonate only in the memory of a generation of listeners. These are voices however, which require a sustaining matrix in which to germinate and thrive; through this milieu, if sustained, they may well have the chance to keep speaking to us into the future.”

também assumiu inicialmente uma posição de estranheza e adaptação alternativa:

[...] O podcasting recebeu pouca atenção dos estudos de mídia, mas obteve grande reconhecimento de revistas, blogueiros e publicações especializadas em tecnologia. Entre 2004, quando o podcasting nasceu, e 2008, o número de artigos que o mencionam em importantes jornais se multiplicou, à medida que o uso da palavra cresceu expressivamente na internet, com menções em milhões de páginas (BERRY, 2006; STERNE et al., 2008). (BONINI, 2020)

Segundo dados retirados de uma pesquisa feita pela Globo Podcast⁸, a adoção do formato pelo público brasileiro vem crescendo exponencialmente nos últimos anos, chegando à primeira posição entre os países que mais tiveram crescimento na produção de podcasts no ano de 2020. Cerca de 41% desse público participou no consumo de podcasts baseado na busca por assuntos específicos de seu interesse, enquanto 26% passaram a consumir por indicação e 27% se mostraram curiosos em relação à mídia.

De acordo com dados de uma pesquisa realizada pela fundação Edison Research¹⁰, que é pioneira e atuante no campo de pesquisa de podcast há mais de vinte anos, o último levantamento revela que além da mídia estar em seu pico histórico de audiência e retenção de público, outros fatores mercadológicos também estão relacionados. A análise demonstrou que, mais do que nunca, os ouvintes de podcast estão mais receptivos a anúncios, e paralelamente, relatou que marcas específicas buscam por públicos já selecionados que representam uma parcela consumidora. Pesquisas como esta mostram um cenário bastante favorável à produção de conteúdo radiofônico, tendo em vista que a disseminação em massa do formato nunca foi tão abrangente.

Dos podcasts informativos que contêm pílulas diárias aos de entrevista e os narrativos, o leque de escolhas editoriais possíveis neste formato mostrou-se extremamente amplo enquanto foi adotado por milhões de pessoas ao longo das quase duas décadas de sua existência. Portanto, penso que se tratando de produtos episódicos e que seguem uma linha linear nos assuntos e temas abordados (em função da estrutura dos feeds), acontece a criação orgânica de um processo de identificação, seja pela tematização trazida ou até por vivências e inspirações compartilhadas.

Além disto, segundo a professora e pesquisadora do jornalismo Eliane Basso:

Ao jornalista cultural ou ao crítico de cultura cabe o papel de levar à análise e à interpretação, de forma a dar subsídios mais aprofundados para o leitor, refletindo as formas de organização da sociedade através das artes e da produção cultural. À parte expor a filosofia estética de

¹⁰ Disponível em:

<http://www.edisonresearch.com/wp-content/uploads/2023/03/The-Podcast-Consumer-2023-1.pdf>

uma obra, por exemplo, cabe também a reflexão sobre as circunstâncias sociais e históricas em que foi concebida, no sentido de apresentar a obra como um processo cultural, na tentativa de captar o movimento vivo das idéias, e não apenas como produto do mercado da indústria cultural. (BASSO, 2005).

Respeitando esses ideais do jornalismo e propondo modos de adaptação da profissão a novas mídias, é proposto no próximo capítulo o desenvolvimento de um produto sonoro que traz como inspiração outros podcasts narrativos que realizam o papel de traduzir a história da música para o formato radiofônico.

3. Proposta

A produção deste trabalho se dará por meio da construção de um podcast, com o objetivo realizar uma abordagem do grunge pelo ângulo temporal e histórico como debatido neste memorial. O desenvolvimento deste produto será dividido em três episódios de quinze a vinte minutos, que abordarão os principais períodos, personagens e agentes ligados à consolidação do grunge na música popular atual. A realização parte da intenção da criação posterior de outros produtos sonoros sobre a história da música, visto que o leque de opções é infinitamente vasto em possibilidades e caminhos narrativos. Ligada também a prática jornalística, desenvolvemos também habilidades necessárias na profissão, tais como a apuração e a sintetização da informação em um formato de consumo midiático de fácil acesso.

As bandas de garagem e a cultura das camisas de flanela oriunda da comercialização do movimento grunge serviram de inspiração para a escolha do nome “Garagem de flanela” para o podcast. A escolha foi fruto da observação e busca de conceitos que pudessem destacar a criação de uma identidade que dialogasse com o tema abordado pela produção.

Dentre as inspirações demandadas para o desenvolvimento do produto, a principal é com certeza o trabalho realizado pelo jornalista e radialista canadense Alan Cross em seu podcast “*Ongoing History of New Music*”¹¹, que consiste em um programa que explora a história e a cultura da música alternativa, desde o rock ao *hip-hop*. Com mais de 900 episódios, o podcast começou como uma adaptação do programa de rádio homônimo, originalmente sinalizado em 1993.

No que diz respeito ao diferencial do podcast “Garagem de Flanela” em relação a suas inspirações e produções contemporâneas, é destacado o comprometimento do produto com apenas um recorte temático por parte. Essa escolha possibilita o desenvolvimento de uma cobertura que enfatiza o objeto escolhido, que neste caso se trata da curta vida do movimento grunge original.

3.1. Planejamento de episódios

Dada a proposta da divisão do podcast em três episódios, o primeiro, intitulado “Flanela” tem como objetivo iniciar a discussão sobre o grunge e abarcar fatores que levaram a sua existência; assim, abordarei inspirações, as bandas mais famosas (conhecidas como “Grandes Quatro” do grunge), contextos geográficos e históricos, além dos primeiros músicos

¹¹ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/2UHz6WqVFz6iZkWgZ51XDw>.

a serem associados ao gênero. Serão mencionados grupos como The Melvins, Green River, Soundgarden, The U-men e Mudhoney, que atuaram inicialmente para que o movimento caminhasse em direções que mais tarde culminaram na evolução sonora do cenário musical alternativo de Seattle. Também será mencionado o caráter da divisão geracional entre os “*baby boomers*” e a geração X.

A segunda parte deste podcast, intitulada “1994”, terá como assunto principal esse ano de tons cinzas, que marca o começo do fim da era grunge original, em decorrência da morte de seu maior astro: Kurt Cobain. Falarei também sobre a situação e a atividade das outras bandas remanescentes do grunge, assim como a cobertura midiática da época e até a propagação do rock alternativo em terras brasileiras, por meio de agentes como a MTV Brasil, que teve sua fundação em 1990.

Por último, o terceiro episódio, chamado “Epitáfio”, discorre sobre a direção tomada pelas bandas associadas ao grunge após uma série de acontecimentos que levaram ao distanciamento do termo após a primeira metade da década de 1990. A discussão também envolverá uma conversa sobre o legado do grunge na música, assim como as marcas que deixou em futuras vertentes do rock. Serão mencionadas bandas como Foo Fighters, Linkin Park, Weezer e Audioslave, que tiveram um papel importante ao adotar características previamente estabelecidas no grunge a uma nova geração e período temporal. O *zeitgeist* dos anos 2000 e a formação de outros subgêneros como o *nu-metal* e o *post-grunge* também serão brevemente abordados. Em referência e respeito ao nome do episódio, também falaremos sobre as precoces mortes de mais três ícones do grunge: Layne Staley, Chris Cornell e Chester Bennington.

4. Diário de campo

Inicialmente, meu desejo pela realização de um produto em forma de podcast veio pelo meu amor a esse tipo de produção radiofônica. Existe algo especial em uma conversa pré formada na qual o ouvinte pode entregar sua mente por alguns minutos e apenas absorver o que ali for dito. Se tratando do grunge especificamente, pensei em seguir tópicos e abordar recortes temporais pré-definidos por meio de uma direção pré-planejada. Elenquei e separei por episódios cada aspecto do grunge e do rock alternativo que pude pensar e pesquisar sobre.

Após reuniões iniciais e um processo de pesquisa prévia, fui orientado pelo professor Carlos a desenvolver um documento que descrevesse a sinopse de cada um dos três episódios. Só então comecei o desenvolvimento dos roteiros para os respectivos episódios: “Flanela - Parte I”, “1994 - Parte II” e, finalmente, “Epitáfio - Parte III”. Decidi pela escolha de um modelo episódico pois pensei que seria um bom encaixe, principalmente se tratando do tema abordado, com diferentes aspectos e marcos temporais que poderiam ajudar em seu desenvolvimento. Como os integrantes e agentes do grunge tiveram períodos bem marcados entre seus primórdios, estrelatos e declínios, foi uma escolha lógica que me possibilitou extrair o máximo desse conteúdo. Procurei pensar os roteiros de acordo com o documento de direção previamente escrito, assim possibilitando que todos os assuntos ficassem coesos e de fácil escuta durante o decorrer dos podcasts. Também foi de muita ajuda a banca de TCC1 que tive com o professor Carlos e com o professor Cláudio, que me deram dicas de leitura e sugestões para a direção certa, visto que os dois também são conhecedores e viveram parte da época do tema abordado.

A segunda e árdua etapa do processo foi colocar o que estava na mente em palavras para um roteiro radiofônico; nem sempre o texto escrito se traduz bem para uma narração cativante e coesa. Foi com certeza o maior desafio durante a elaboração deste produto. A partir dos documentos de direção que elaborei, comecei o rascunho do primeiro episódio, que tinha como objetivo apresentar o tema mas não se aprofundar tanto ao ponto das outras duas partes se tornarem repetitivas ou redundantes. Para esta primeira parte, procurei discorrer sobre as maiores bandas do gênero, o contexto geográfico em que se formava o rock alternativo de Seattle durante as décadas de setenta, oitenta e noventa, assim como os principais agentes de transformação que tiveram papel importante na história do grunge, como a Sub Pop Records e o cenário *underground* da cidade. Também toquei no tema do conflito entre gerações; os “*baby boomers*” e sua prole, a geração X.

Logo após, foi a vez do desenvolvimento de roteiro da segunda parte do podcast

Garagem de Flanela; “1994 - Parte II”. Para este, seguindo o mesmo método das direções e sinopses estabelecidas previamente, o nome do episódio já indica seu conteúdo para quem é conhecedor do grunge ou apenas escutou o primeiro. Foram discutidas a situação das maiores bandas do gênero após a morte do maior astro da cena; Kurt D. Cobain. Também foi inserido o papel que a mídia e as grandes gravadoras exerceram em relação a comercialização do grunge já como produto mainstream e quais seriam as medidas a serem tomadas diante do inevitável declínio do interesse popular. A disseminação da música e dos videoclipes pela MTV, assim como a fundação de uma filial no Brasil em 1990. Também foram abordados junto ao crescente interesse de mais e mais vertentes do rock alternativo que surgiam em massa, inclusive em terras brasileiras.

Enfim foi a vez da concepção do roteiro da última parte da trilogia Garagem de Flanela, com sua última parte, intitulada “Epitáfio - Parte III”. Novamente, para quem acompanhou os episódios anteriores ou conhece o tema, este também entrega a surpresa no título; o declínio nas vendas após 1994, a saída silenciosa do grunge entre o cenário *mainstream* da música, a transição do *zeitgeist* da época e suas definições, as posteriores mortes precoces de Layne Staley do Alice in Chains, Chris Cornell do Soundgarden e Audioslave e Chester Bennington do Linkin Park, banda esta que também foi abordada junto a outras que surgiram em uma onda *post-grunge* e oriundas de gêneros como o *nu-metal*, que também mantinha fortes e declaradas inspirações no grunge assim como no rock alternativo das décadas anteriores.

Com os três roteiros desenvolvidos, havia chegado a hora de traduzi-los para a linguagem propriamente sonora. Entra então a etapa da narração, decupagem, aplicação de efeitos sonoros e músicas a serem amarradas e transformadas no produto audiofônico final. Para tais tarefas, utilizei o software Adobe Audition em sua versão para Windows 11; ferramentas estas que em função de trabalhos acadêmicos anteriores, já possuía experiência suficiente para suas respectivas utilizações em podcasts. Também tive auxílio do software de música FLStudio, onde pude confeccionar alguns dos efeitos sonoros usados nos episódios do podcast. A duração dos trechos sonoros adicionados ao podcast (um pouco mais longa do que o usual na podosfera) também foi uma escolha deliberada e que levou em consideração o tema do projeto e seu objetivo em proporcionar o contato com as sonoridades de um estilo e de uma época.

Definitivamente, o maior desafio durante o desenvolvimento dos roteiros e a montagem do podcast foi meu papel como narrador. Cautela é necessária quando se aborda um assunto tão único e preso em um recorte de tempo no qual eu sequer havia nascido. É

importantíssimo respeitar a história coletiva e cultural do movimento abordado, assim como o enorme volume de pesquisas e análises desenvolvidas ao longo das décadas por autores e jornalistas que tiveram contato direto com o cenário e o presenciaram.

5. Considerações finais

Com certeza, o Trabalho de Conclusão de Curso foi a mais desafiante tarefa que tive enquanto aluno do curso de jornalismo, foi também a mais gratificante. Em meio aos deslizes e incertezas sobre o tema e se realmente deveria tocar em algo que é tão especial para mim, tive a convicção de que deveria ao menos tentar. Deixando de lado o grunge por enquanto, o aprendizado que obtive no decorrer do curso me possibilitou não apenas praticar a habilidade da escrita e da comunicação, como também me mostrou quais eram minhas afinidades e escolhas na produção jornalística. Desde o ingresso na graduação, sempre caminhei mais para o lado das produções sonoras e do desenvolvimento de roteiros; havia encontrado meu nicho acadêmico e profissional.

Inicialmente, nos primórdios do anteprojeto, antes mesmo de ter escolhido a confecção de um produto ao invés de uma monografia, tinha uma certeza em mente: queria falar sobre o gênero musical que me acompanhou durante toda a graduação. O rock alternativo, em especial o grunge, sempre foi parte da minha vivência cultural, pois mesmo que para alguns não passe de mais uma importação cultural americana, foi escutando estas canções que acabei moldando parte de minha personalidade, desde a pré adolescência. Há coisas na vida que não escolhemos, elas parecem apenas acontecer por acaso e se desdobram em uma espécie de efeito borboleta, e pessoalmente, foi assim o grunge para mim e grande parte do meu grupo de convivência desde que me entendo por gente.

Em relação ao desenvolvimento do produto, me surpreendi positivamente com o resultado, pois o maior desafio que encontrei foi justamente o que mencionei anteriormente no diário de campo deste memorial: construir um produto narrativo descritivo que trata de um tema em que não possuo necessariamente as melhores credenciais para. Nunca achei que fosse suficiente para a realização desta produção, ser apenas um aficionado tardio, atrasado em mais de três décadas para ser mais exato. No entanto, busquei ao máximo impor limites e respeitar aqueles que vieram antes, que viveram, pesquisaram e registraram todo o material base que utilizei neste projeto. Claro, as músicas por si próprias cabem diversas interpretações e podem ser analisadas por qualquer pessoa, mas foram os jornalistas e autores do passado que fizeram com que, com grande clareza, tantas informações explicativas e descritivas ficassem anotadas para a posteridade. A eles agradeço e buscarei sempre realizar a profissão de jornalista utilizando dos princípios que me trouxeram até este ponto em minha vida acadêmica.

No que se refere ao Podcast, continuarei praticando e sempre tendo em mente a busca

de um melhor produto a ser desenvolvido. Tenho planos de seguir com projetos de áudio semelhantes e muitas ideias para colocar no papel, algo que com certeza se tornará mais aperfeiçoado, rápido e com qualidade após a elaboração do Garagem de Flanela e deste memorial.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Kyle. **Accidental Revolution: The Story of Grunge**. St. Martin's Griffin, 2007.

AZERRAD, Michael. **Come as You Are: The Story of Nirvana**. Crown; First Edition, 1993.

BASSO, Eliane. **Para entender o jornalismo cultural. Comunicação e Inovação**, 2005.

BONINI, Tiziano. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. Tradução: Marcelo Kischinhevsky. *Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 13-32, jan./abr. 2020.

FRITH, Simon. **Performing Rites : on the value of popular music**. Cambridge / Massachusetts: Harvard University Press, 1996.

GREIL, Marcus. **Lipstick Traces: A Secret History of the 20th Century**. Harvard University Press, 1989.

HERSCHMANN, Micael e KISCHINHEVSKY, Marcelo. A “geração podcasting” e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, no 37, 2008.

KNOPPER, Steve. **The Grunge Gold Rush: Too Much Money and the Creation of “Alternative Rock”**. *The Record, Music News From NPR*, 2018. Disponível em: https://www.npr.org/sections/therecord/2018/01/12/577063077/the-grunge-gold-rush?utm_source=twitter.com&utm_medium=social&utm_campaign=nprmusic&utm_term=music&utm_content=20180112

MADSEN, Virginia M. **Voices-cast: a report on the new audiosphere of podcasting with specific insights for public broadcasting**. Macquarie University, NSW, Australia, 2009.

PRATO, Greg. **Grunge is Dead: The Oral History of Seattle Rock Music**. ECW Press, 2009.

SANNEH, Kelefa. **Major Labels: A History of Popular Music in Seven Genres**. Penguin Press, 2021.

WALSER, Robert. **Running with the devil: power, gender, and madness in Heavy Metal music**. Middletown: Wesleyan University Press, 1993.

JANOTTI JR., Jeder. **Gêneros musicais em ambientações digitais** [recurso eletrônico] / Jeder Janotti Jr. – Belo Horizonte, MG: PPGCOM/UFMG, 2020.

FARO, José S. **Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural. Comunicação & Sociedade - Opinião Pública na Idade Mídia**. v. 28, n. 46, 2006.

THOMPSON, Hunter S. **Kingdom of Fear: Loathsome Secrets of a Star-Crossed Child in the Final Days of the American Century.** 1. ed. Nova York: Simon & Schuster, 2003.

Apêndice A - Roteiro “Flanela” - Parte I - Podcast Garagem de Flanela

Narração e edição: Gilbert Cireli Contin.

Roteiro - Garagem de flanela - Parte I

EPISÓDIO I - “FLANELA”

TÍTULO: GARAGEM DE FLANELA - PARTE I - **LOCUTOR:** GILBERT CIRELI

TEC: (INTRO) (24 SEGUNDOS)	
--------------------------------------	--

LOC: SEJA BEM VINDO E BEM VINDA AO PRIMEIRO EPISÓDIO DO PODCAST “GARAGEM DE FLANELA”, MEU NOME É GILBERT CIRELI E SEREI O SEU GUIA NESTA SÉRIE DE TRÊS EPISÓDIOS ESPECIAIS SOBRE O MUNDO DO GRUNGE; DESDE OS PRIMÓRDIOS AO ÁPICE E EVENTUAL DECLÍNIO COMERCIAL DO GÊNERO; ABORDAREMOS AQUI OS FATORES QUE FIZERAM E AINDA FAZEM DO GRUNGE UM DOS SUBGÊNEROS MAIS ESPECIAIS E ATEMPORAIS DO ROCK.

GRUNGE, DE ACORDO COM O ORIGINAL NO INGLÊS VIA DICIONÁRIO OXFORD, SIGNIFICA MENOSPREZO POR ALGUÉM OU ALGO QUE É REPUGNANTE, ODIOSO, DESAGRADÁVEL OU ENFADONHO. O PRIMEIRO REGISTRO DA PALAVRA SE DEU AINDA NO LONGÍNQUO ANO DE 1965, EM UM ARTIGO DO NEW YORK TIMES. NO ARTIGO, A AUTORA ANGELA TAYLOR DESCREVE OS SUPOSTOS SENTIDOS DE ALGUMAS NOVAS E POPULARES GÍRIAS DA ÉPOCA.

TEC: (SONS DE MÁQUINA DE ESCREVER DE FUNDO)	
	<p>LOC: O PERÍODO ENTRE A METADE DA DÉCADA DE 60 E 70 DO SÉCULO XX FICOU MARCADO PELOS SONS DE UMA AUTO PROCLAMADA BUSCA PELA LIBERTAÇÃO INDIVIDUAL DA JUVENTUDE DA ÉPOCA. MOVIMENTOS SOCIAIS QUE MARCARAM O OCIDENTE E PRINCIPALMENTE OS ESTADOS UNIDOS TIVERAM COMO TRILHA SONORA NOVOS EXPOENTES DO ROCK, QUE MAIS TARDE SERIAM CLÁSSICOS IMORTAIS DO GÊNERO. THE WHO, CREAM, JIMI HENDRIX, JANIS JOPLIN, THE BEATLES, LED ZEPPELIN E OUTROS ARTISTAS TORNARAM SEU SOM PARTE DO IMAGINÁRIO COLETIVO DOS BABY BOOMERS. NOME DADO À GERAÇÃO DAS PESSOAS NASCIDAS APÓS A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.</p>

<p>TEC: (TOCAR ALGUNS TRECHOS DAS MÚSICAS)</p>	
	<p>LOC: LOGO DEPOIS, FIRMAVA-SE NA DÉCADA DE 70 O HARD ROCK E O HEAVY METAL. COM SEUS RIFFS PESADOS E TEMAS SOMBRIOS, ATINGIRAM PICOS DE CONSUMO TANTO NAS AMÉRICAS QUANTO NO REINO UNIDO E NO RESTO DO MUNDO. O BLACK SABBATH DE OZZY OSBOURNE, O IRON MAIDEN DE STEVE HARRIS E AS BANDAS THRASH DA CALIFÓRNIA, JÁ NOS 80, JUNTO COM GIGANTES DO HARD ROCK, FAZIAM PARTE DO QUE EXISTIA DE MAIS QUENTE NA ÉPOCA. PARALELO A ISSO, HAVIA AINDA AS BANDAS PUNK QUE FAZIAM CABEÇAS BATEREM NO REINO UNIDO DURANTE O MESMO PERÍODO. GRUPOS COMO THE CLASH, RAMONES, SEX PISTOLS, SIOUXSIE AND THE BANSHEES REPRESENTAVAM A REBELDIA QUE MAIS TARDE FOI CONSIDERADA A PRIMEIRA ONDA DO PUNK BRITÂNICO, ONDA ESSA QUE ACABOU POR INFLUENCIAR TODO O CENÁRIO</p>

	DO ROCK ALTERNATIVO MUNDO AFORA.
TEC: (TOCAR TRECHOS DAS MÚSICAS)	
	<p>LOC: TUDO ISSO CULMINOU NUMA EXPLOSÃO DE VARIAÇÕES DE GÊNERO DENTRO DO ESCOPO DO ROCK, CAMINHANDO EM PASSOS LARGOS PARA A FORMAÇÃO DEFINITIVA DO QUE MAIS TARDE SERIA CONSIDERADO O ROCK ALTERNATIVO E CONSEQUENTEMENTE SEUS SUBGÊNEROS; DESDE OS SONS PSICODÉLICOS DA VANGUARDA SETENTISTA AO NOVO E EXCÊNTRICO GLAM METAL CALIFORNIANO; BANDAS DOS MAIS VARIADOS EXTREMOS SURTIAM E SE PROPAGAVAM PELAS ONDAS DE MILHÕES DE RÁDIOS E LOJAS DE DISCOS; COM CERTEZA UM PERÍODO INCRÍVEL PARA QUEM LÁ ESTAVA.</p>

MAIS PARA O FIM DOS ANOS OITENTA, OS BABY BOOMERS JÁ TINHAM DEIXADO DE LADO O VERÃO DO AMOR E AS MARCHAS ANTI-VIETNAM. AGORA TINHAM FILHOS, CASAS, EMPREGOS E RESPONSABILIDADES DENTRO DO SISTEMA QUE JURARAM ANTAGONIZAR. QUEM DITARIA AS PRÓXIMAS TENDÊNCIAS MUSICAIS SERIAM SEUS FILHOS, A GERAÇÃO X, QUE ERA ADOLESCENTE NESSA VIRADA PARA OS ANOS NOVENTA. O FIM DA DÉCADA DE OITENTA E INÍCIO DA DE 90 TAMBÉM MARCA UMA MUDANÇA NAS PREFERÊNCIAS DO PÚBLICO JUNTO AO QUE VINHA SENDO PRODUZIDO MUSICALMENTE E GANHANDO MAIS ESPAÇO NAQUELE MOMENTO. A ASCENSÃO DE ARTISTAS POPULARES COM CARREIRAS SOLO OU DUPLAS MARCOU A VIRADA DA DÉCADA E ERA REPRESENTADA PELAS MILHÕES DE VENDAS DE DISCOS POR ARTISTAS COMO MICHAEL JACKSON, MADONNA, PRINCE, STEVIE WONDER, PHIL COLLINS, ELTON JOHN E MAIS

	<p>TANTOS OUTROS QUE OBTIVERAM O ESTRELATO MUNDIAL NAQUELES ANOS.</p>
<p>TEC: (INSERIR TRECHOS DE RADIALISTAS OU PERSONALIDADES DE TV FALANDO SOBRE A GERAÇÃO X)</p>	
	<p>LOC: CRESCER COM AS BALADAS POP E OS ROCKSTARS QUE AGORA JÁ ERAM RICOS E FAMOSOS DEIXOU UMA INQUIETUDE NAQUELES JOVENS, QUE AGORA JÁ BUSCAVAM POR ALGO MAIS ORGÂNICO, MENOS SUPER PRODUZIDO, MAIS SUJO, E ACIMA DE TUDO: NOVO. ALGO QUE REFLETISSE MUSICALMENTE O ESPÍRITO DAQUELES NOVOS TEMPOS. OBRAS PENSADAS PELA GERAÇÃO X, DESTINADAS À GERAÇÃO X. A ABUNDÂNCIA ECONÔMICA QUE AGRACIOU A SOCIEDADE PÓS GUERRA DOS BABY BOOMERS ERA AGORA MAIS ESCASSA, ABRINDO</p>

ESPAÇO PARA UM SENTIMENTO DE QUE A GERAÇÃO ANTERIOR HAVIA FECHADO AS PORTAS E AS JANELAS DO SONHO AMERICANO. FOI NESSA PROCURA POR SUAS PRÓPRIAS MELODIAS QUE A GERAÇÃO X SE APAIXONOU PELA CENA DO ROCK ALTERNATIVO ORIUNDO DE SEATTLE, ESTADO DE WASHINGTON, NA COSTA NOROESTE DOS ESTADOS UNIDOS. E FOI AMOR À PRIMEIRA VISTA! AQUELA ESTRANHA MISTURA ENTRE O HEAVY METAL E O PUNK, DEU VIDA AO QUE EVENTUALMENTE A MÍDIA CHAMARIA DE GRUNGE. SEATTLE NÃO ERA EXATAMENTE A PRIMEIRA PARADA DAS GRANDES BANDAS AMERICANAS E BRITÂNICAS DA ÉPOCA. ERA ISOLADA GEOGRAFICAMENTE DOS PONTOS MAIS COBIÇADOS PELOS PRODUTORES DE SHOWS E O CLIMA ERA PÉSSIMO. A CONSTANTE CHUVA E O FRIO CARECIAM DE UM SOM PARA CHAMAR DE SEU.

MALFUNKSHUN, THE MELVINS, GREEN RIVER, SOUNDGARDEN, TODAS ERAM BANDAS QUE

	<p>COMEÇARAM A EXPLODIR NOS ANOS NOVENTA, EMBORA JÁ ESTIVESSEM ALI DESDE A METADE DA DÉCADA ANTERIOR. ESSA “CONJUNTURA”, POR ASSIM DIZER, ENTREGAVA ALGO COM SABOR AUTÊNTICO, TÃO ORGÂNICO QUE AINDA NÃO POSSUÍA UMA DEFINIÇÃO GRAVADA EM PEDRA. EM OUTRAS PALAVRAS, ESSAS BANDAS NÃO SE INTITULAVAM “GRUNGE”, MAS O DESTINO ASSIM O FEZ.</p>
<p>TEC: (TRECHO DE ALGUMAS MÚSICAS DESSAS BANDAS)</p>	
	<p>LOC: POR ENQUANTO, ATÉ ANTES DE 1986, ESTAMOS FALANDO SOBRE UM FENÔMENO MUSICAL LOCAL, ALGO QUE AINDA PRECISAVA ECOAR DE FORMA MAIS AMPLA PELO PAÍS E MAIS TARDE PELO MUNDO. É AÍ QUE ENTRAM FIGURAS COMO A GRAVADORA SUB POP, FUNDADA EM</p>

	<p>1986, QUE MAIS TARDE FICARIA CONHECIDA POR TER SIDO UM TRAMPOLIM INICIAL PARA A MAIORIA DAS MAIORES BANDAS GRUNGE DA HISTÓRIA. SUBPOP ORIGINALMENTE PUBLICAVA REVISTAS, CASSETES E ÁLBUNS DE COMPILAÇÕES, ALGO COMO UMA CURADORIA ESPECIALIZADA FOCADA EXCLUSIVAMENTE NO CENÁRIO DO ROCK ALTERNATIVO DE SEATTLE. BANDAS ICONICAS COMO SCREAMING TREES, MUDHONEY, NIRVANA, SOUNDGARDEN, L7, TAD E U-MEN; TODAS TIVERAM, EPS E LPS PUBLICADOS PELA GRAVADORA, QUE CONSEGUIU CAPITALIZAR UMA NOVA E AVASSALADORA FASE DA MÚSICA ALTERNATIVA, QUE LOGO MAIS EXPLODIRIA DE VERDADE.</p>
<p>TEC: (TOCAR ALGUNS TRECHOS AQUI)</p>	
	<p>LOC: É NO MEIO DISSO TUDO QUE SURGEM OS DITOS “BIG FOUR” DO</p>

	<p>GRUNGE; AS BANDAS QUE DEFINIRAM O GÊNERO E VESTIRAM AS FLANELAS; NIRVANA, ALICE IN CHAINS, PEARL JAM E SOUNDGARDEN. MAS CALMA, POR ENQUANTO, PRECISAMOS ENTENDER O QUÃO ESPECIAL FOI O PERÍODO ENTRE 1990 E 1991 PARA O GÊNERO. EM 90 TIVEMOS LPS INCRÍVEIS COMO O FACELIFT, ÁLBUM DE ESTREIA DO ALICE IN CHAINS; SMELL THE MAGIC PELA L7; SLIVER DO NIRVANA E LOUDEST LOVE DO SOUNDGARDEN.</p>
<p>TEC: (TRECHOS DESTAS)</p>	
	<p>LOC: E ISSO APENAS SE TRATANDO DO QUE ERA MAIS POPULAR COMERCIALMENTE NA ÉPOCA. OUTRAS CENTENAS DE BANDAS ESTAVAM PRODUZINDO OURO NAQUELE MOMENTO; UM CENÁRIO INDICATIVO DE UMA DAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO GRUNGE: A EXPERIMENTAÇÃO. É A PARTIR DAÍ QUE CHEGAMOS NO GRANDE ANO DE 1991, QUE EM POUCOS MESES DE</p>

	<p>DIFERENÇA, VIU O LANÇAMENTO DE TRÊS GIGANTESCAS OBRAS PARA A POPULARIDADE DO GÊNERO: TEN DO PEARL JAM, BADMOTORFINGER DO SOUNDGARDEN E NEVERMIND, DO NIRVANA. ESTE ÚLTIMO, FOI RESPONSÁVEL POR CATAPULTAR DE VEZ O GRUNGE PARA O MAINSTREAM, SOLIDIFICANDO FINALMENTE O SOM DEFINITIVO DA GERAÇÃO X. FOI LOGO NESSE BOOM DE SEATTLE QUE A MÍDIA DECIDIU ATRIBUIR O TERMO GRUNGE A ESSAS BANDAS E A ESSES ARTISTAS. SE TINHA GUITARRA DISTORCIDA, VOCAIS MARCANTES, BATERIA QUE PREENCHIA O SALÃO E UM BAIXO QUE ESTREMECIA OS OUVIDOS MAIS APURADOS, ENTÃO ERA GRUNGE.</p>
<p>TEC: (TRECHOS DAS MÚSICAS AQUI)</p>	
	<p>LOC: COM AS LENTES DO PRESENTE, PERCEBEMOS QUE O PERÍODO DE “AUGE” DO GRUNGE FOI CURTO, MUDIATICAMENTE FALANDO, SE</p>

COMPARARMOS A OUTROS MOVIMENTOS EMERGENTES DOS ANOS NOVENTA, COMO O HIP HOP, COUNTRY POP E ATÉ O BRITPOP. EM RAZÃO DISSO, TEMOS UM RECORTE PERFEITO DE UM ZEITGEIST BEM ESPECÍFICO NO CENÁRIO CULTURAL AMERICANO DAQUELES DIAS. O ROCK ALTERNATIVO HAVIA FURADO A BOLHA, SE INFILTROU NA SOCIEDADE DE MODO QUE ERA IMPOSSÍVEL IGNORAR ATÉ AS MAIS SECUNDÁRIAS CARACTERÍSTICAS DAS BANDAS. O GRUNGE VIROU PRODUTO, INFLUENCIOU A MODA DAQUELA DÉCADA E O SENTIMENTO DOS *GEN X'S* E FUTURAMENTE IRIA SE TORNAR INSPIRAÇÃO PARA MILHARES DE OUTROS ARTISTAS NO ÂMBITO DO ROCK ALTERNATIVO.

ESPECIALMENTE AS QUATRO MAIORES BANDAS QUE DEFINEM O ESTILO E QUE AQUI JÁ CITEI, NIRVANA, SOUNDGARDEN, ALICE IN CHAINS E PEARL JAM AINDA SÃO OUVIDAS POR MILHÕES DE PESSOAS DIARIAMENTE NAS PLATAFORMAS DE STREAMING. A TÍTULO DE EXEMPLO,

O NIRVANA, SÓ NO SPOTIFY, TEM CERCA DE 33 MILHÕES DE OUVINTES MENSAIS, SEGUNDO O PORTAL SONG STATS, QUE ANALISA DADOS DE LABELS, ARTISTAS E BANDAS. TAMBÉM NÃO É INCOMUM OBSERVAR NO DIA A DIA PESSOAS, DE TODAS AS IDADES, VESTINDO CAMISETAS DESTAS BANDAS. A ATUAL GERAÇÃO Z, INCLUSIVE, PARECE EMULAR E SE INSPIRAR NESSES ARTISTAS DE MAIS DE TRÊS DÉCADAS ATRÁS. NÃO QUE A GERAÇÃO INTERMEDIÁRIA, A Y OU MILLENNIAL, TIVESSE PASSADO IMUNE AO GRUNGE. É FATO. O GRUNGE JÁ É OBJETO DE NOSTALGIA E JÁ PODE SER CONSIDERADO UM INTEGRANTE DO HALL DOS CLÁSSICOS DO ROCK. DESDE ARTISTAS CONTEMPORÂNEOS QUE ABERTAMENTE LISTAM PERSONALIDADES DO GRUNGE COMO SUAS MAIORES INSPIRAÇÕES ATÉ TRIBUTOS EM SUAS RESPECTIVAS HOMENAGENS. DURANTE A PANDEMIA, O CANTOR, COMPOSITOR E RAPPER POST MALONE, FEZ UMA LIVESTREAM COM ALGUNS AMIGOS

	<p>TOCANDO AS MAIS QUERIDAS DO NIRVANA, POR EXEMPLO. SCOTT STAPP, DO CREED, JÁ CONFESSOU ABERTAMENTE QUE SE INSPIROU BASTANTE NO VOCAL DE LAYNE STALEY. ENFIM, A LISTA É GRANDE, GRANDE DEMAIS PARA IGNORAR O IMPACTO QUE O SOM DA GERAÇÃO X DEIXOU PARA A POSTERIDADE.</p>
<p>TEC: BG DE ENCERRAMENTO</p>	
	<p>LOC: TAMANHO LEGADO É EXTENSO DEMAIS PARA CONCEBER, QUEM DIRÁ ABARCAR TUDO EM APENAS ALGUNS MINUTOS DE CONVERSA. POR ISSO, TE ESPERO NAS PARTES 2 E 3 DESTE PODCAST.</p> <p>ANTES DE ENCERRARMOS, GOSTARIA DE ENFATIZAR QUE A PRODUÇÃO DESTE PODCAST SE DEU POR MEIO DE UMA EXTENSA PESQUISA, QUE SÓ FOI POSSÍVEL GRAÇAS À PRESERVAÇÃO DE MATERIAIS MIDIÁTICOS E DA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE DIVERSOS</p>

AUTORES QUE CONSEGUIRAM REGISTRAR A HISTÓRIA ORAL DO GRUNGE. JUNTO DISSO, TAMBÉM TEM A MINHA EXPERIÊNCIA OBSERVANDO O CENÁRIO MUSICAL DAS DÉCADAS PASSADAS. PORTANTO, FICA AQUI UMA RECOMENDAÇÃO LITERÁRIA PRA VOCÊ SE APROFUNDAR EM ALGUNS ASPECTOS DESSE UNIVERSO: “ACCIDENTAL REVOLUTION: THE STORY OF GRUNGE” DO AUTOR KYLE ANDERSON. ESSE LIVRO CONTA DE FORMA MAIS MINUCIOSA SOBRE O COMEÇO E TRAJETÓRIA DO GRUNGE.

NA PRÓXIMA CONVERSA, VAMOS FALAR DO FATÍDICO ANO DE 1994 E O EPITÁFIO DO GRUNGE. ATÉ A PRÓXIMA E TE AGUARDO NO PRÓXIMO EPISÓDIO.

ESTE PODCAST É PRODUZIDO, APRESENTADO E EDITADO POR GILBERT CIRELI, COMO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. SUPERVISÃO DO PROFESSOR CARLOS JÁUREGUI.

	O “GARAGEM DE FLANELA” FICA POR AQUI.
--	---------------------------------------

Apêndice B - Roteiro “1994” - Parte II - Podcast Garagem de Flanela

Narração e edição: Gilbert Cireli Contin.

Roteiro - Garagem de flanela - Parte II

EPISÓDIO II - “1994”

TÍTULO: GARAGEM DE FLANELA - PARTE II - **LOCUTOR:** GILBERT CIRELI

TEC: (INTRO) (24 SEGUNDOS)	
	LOC: SEJA BEM VINDO E BEM VINDA AO SEGUNDO EPISÓDIO DO PODCAST “GARAGEM DE FLANELA”, MEU NOME É GILBERT CIRELI E SEREI O SEU GUIA NESTA SÉRIE DE TRÊS EPISÓDIOS ESPECIAIS SOBRE O MUNDO DO GRUNGE, DESDE OS PRIMÓRDIOS AO ÁPICE E EVENTUAL DECLÍNIO

COMERCIAL DO GÊNERO. ABORDAREMOS AQUI TODOS OS FATORES QUE FIZERAM E AINDA FAZEM DO GRUNGE UM DOS SUBGÊNEROS MAIS ESPECIAIS E ATEMPORAIS DO ROCK.

SE NO EPISÓDIO PASSADO FALAMOS SOBRE O NASCIMENTO DO GRUNGE, DESDE SUA CONCEPÇÃO EM SEATTLE, DO PUNK E DA CHUVA INTERMINÁVEL, NESTE MERGULHAREMOS DE CABEÇA NO PERÍODO ATÉ 1994. MAS VAMOS POR PARTES. DESDE ONDE PARAMOS, NEVERMIND DO NIRVANA, FREQUENTOU O TOPO DAS PARADAS ENTRE 1991 E 92. E O ANO DE 93 FOI MARCADO PELO SUPER BEM RECEBIDO “*IN UTERO*”. EM 1991, TEVE O “*TEN*” DO PEARL JAM CATIVANDO UM PÚBLICO SEDENTO POR UMA MISTURA DE ADRENALINA E MELANCOLIA. NO MESMO ANO, TAMBÉM CHEGOU AO MUNDO “*BADMOTORFINGER*” DO SOUNDGARDEN COM TODA A POTÊNCIA VOCAL DE CHRIS CORNELL. NÃO PODEMOS ESQUECER DOS SOMBRIOS “*SAP*” E “*DIRT*” DO ALICE IN

	<p>CHAINS, QUE REVELAVAM O TALENTO INIGUALÁVEL DE LAYNE STALEY NOS VOCAIS E JERRY CANTRELL NAS COMPOSIÇÕES E NA GUITARRA.</p>
<p>TEC:(TRECHOS DE ALGUMAS CANÇÕES CITADAS)</p>	
	<p>LOC: TUDO PARECIA BEM. AS VENDAS DE DISCOS, A PRESENÇA NO RÁDIO E A PROPAGANDA BOCA A BOCA ENTRE OS JOVENS INDICAVAM UM REINADO LONGO E CHEIO DE DESTAQUES ÚNICOS, ASSIM COMO FOI COM OS GÊNEROS DO ROCK DAS DÉCADAS ANTERIORES. MAIS E MAIS BANDAS SURGIAM E BUSCAVAM UM LUGAR SOB O SOL E TUDO CAMINHAVA CULTURALMENTE DO MODO QUE OS INTEGRANTES DA GERAÇÃO X ESPERAVAM. SEUS SONS, SEUS NOVOS ÍDOLOS E SEU MARCO NOS ANAIS DA HISTÓRIA DA MÚSICA.</p> <p>A MÍDIA, MAIS SENSACIONAL E DIRETA DO QUE NUNCA, BUSCAVA PROPAGAR E VENDER O MÁXIMO POSSÍVEL DA IMAGEM GRUNGE PARA A SOCIEDADE.</p>

ENTREVISTAS, ENSAIOS DE FOTOS E PEDIDOS INTERMINÁVEIS POR NOVOS *SINGLES* E ÁLBUNS. QUALQUER COISA QUE FOMENTASSE AINDA MAIS AQUELA ONDA MUSICAL QUE PARECIA NÃO TER FIM. ENQUANTO ISSO, *LABELS* E GRAVADORAS INDEPENDENTES COMO A SUB POP RECORDS PERDIAM SEUS ASTROS PARA OUTRAS QUE PAGASSEM MAIS. PARECIA QUE A VIDA DE ROCKSTAR SÓ ESTAVA COMEÇANDO PARA OS INTEGRANTES DO “*BIG FOUR*”. EDDIE VEDDER FAZIA A GALERA GRITAR QUANDO SUBIA NAS ESTRUTURAS DOS PALCOS, KURT ERA O QUERIDINHO DA MÍDIA E SEGUIA SEU CAMINHO COMO UM DOS MAIORES COMPOSITORES DE SEU TEMPO, SEM FALAR DO CONTURBADO RELACIONAMENTO COM A CANTORA COURTNEY LOVE. CHRIS CORNELL SEGUIA CANTANDO A ALMA PELOS PALCOS. ENQUANTO ISSO, LAYNE E JERRY CANTRELL HARMONIZAVAM EM TIMBRE PERFEITO. ISTO É, QUANDO LAYNE NÃO ESTAVA DOPADO DEMAIS PARA PERFORMAR.

<p>TEC:(TRECHO DE UMA ENTREVISTA DE KURT À MÍDIA FALANDO SOBRE COMO SE SENTIU AO CONHECER COURTNEY LOVE)</p>	
	<p>LOC: TUDO ISSO QUE HOJE SERIAM CONSIDERADAS APENAS FOFOCAS BOBAS DE BASTIDORES ERA MANTIDO EM UM PEDESTAL MUDIÁTICO, PRINCIPALMENTE POR UM AGENTE ESPECÍFICO NESSA BAGUNÇA TODA: A <i>MUSIC TELEVISION</i>, OU PARA OS ÍNTIMOS, A MTV. EM UM TEMPO ONDE O ACESSO A MÚSICA NÃO ERA TÃO SIMPLES, VIA UM TOQUE NO BOTÃO PLAY DE UM SMARTPHONE, A MTV TRANSMITIA O QUE HAVIA DE MAIS NOVO E POPULAR DESDE O POP E O RAP ATÉ O <i>HEAVY METAL</i> E O ROCK ALTERNATIVO, TUDO ERA ABARCADO NAQUELE CANAL DE TV. FOI TAMBÉM PELA MTV QUE OS ARTISTAS SE SENTIAM INCLINADOS A PRODUZIR VIDEOCLIPES. DESDE AS PRODUÇÕES MILIONÁRIAS DE ARTISTAS COMO MICHAEL JACKSON E MADONNA ATÉ OS CLIPES SOMBRIOS E RAIVOSOS DO</p>

	<p>NIRVANA. DITO ISSO, A DIVULGAÇÃO POR MEIO DA TV ACABAVA POR DIFUNDIR GÊNEROS MUSICAIS E ALAVANCAR A VENDA DE DISCOS, CASSETES E CDS, SEM FALAR, É CLARO, DA BOA E EFETIVA PROPAGANDA BOCA A BOCA. ERA COMUM SE REUNIR COM OS AMIGOS PARA ACOMPANHAR A TRANSMISSÃO DE UM NOVO CLIPE OU PARA CONFERIR AS NOTÍCIAS, ENTREVISTAS E BATE PAPO ENTRE OS “VJS”, OS CHAMADOS “VÍDEO JOCKERS” DA EMISSORA.</p>
<p>TEC: (TRECHOS DE CHAMADAS DA MTV AMERICANA)</p>	
	<p>LOC: A DÉCADA DE 1990, COM CERTEZA TRAZIA MAIS GÁS MUSICAL NO CENÁRIO ALTERNATIVO. APESAR DE ALGUMAS DAS BANDAS DE SUCESSO NA DÉCADA TEREM SIDO FORMADAS AINDA NO FIM DOS ANOS 80, FOI EMBARCANDO NA ASCENSÃO DO GRUNGE QUE TAMBÉM ATINGIRAM O ESTRELATO. ESTAMOS FALANDO AQUI DE PIXIES, OASIS, SONIC YOUTH,</p>

	<p>RADIOHEAD, SMASHING PUMPKINS E RITES OF SPRING, SÓ PARA CITAR ALGUMAS. DESDE A FORMAÇÃO DO <i>BRITPOP</i>, <i>EMOCORE</i> E <i>INDIE ROCK</i>, TODOS RECEBERAM OS HOLOFOTES E MUITAS DELAS AINDA ESTÃO FIRMES E EM ATIVIDADE.</p> <p>A ONDA MUSICAL DA ÉPOCA FOI TÃO ABRANGENTE QUE CHEGOU ATÉ AQUI, NAS TERRAS TUPINIQUINS. EM 20 DE OUTUBRO DE 1990 FOI FUNDADA A FILIAL BRASILEIRA DA MTV, QUE TAMBÉM TRAZIA E TRADUZIA OS CONTEÚDOS NORTE-AMERICANOS. TIVEMOS VJS, CLIPES E ENTREVISTAS, ALÉM DE ANIMAÇÕES E CURTAS. OS DESENHOS <i>SOUTH PARK</i> E <i>BEAVIS AND BUTTHEAD</i> GANHAM UMA MENÇÃO HONROSA AQUI.</p>
<p>TEC:(TRECHOS DAS CHAMADAS DOS DESENHOS E SONS DA MTV BRASILEIRA)</p>	
	<p>LOC: O IMPACTO FOI TÃO GRANDE QUE EM DIVERSAS CAPITAIS E MUNICÍPIOS</p>

BRASILEIROS, NÃO SE FALAVA EM OUTRA COISA ENTRE OS JOVENS. TODOS QUERIAM UMA CAMISA DE FLANELA, JEANS RASGADOS E UM PAR DE “*CHUCKS*” DA CONVERSE. AQUELA GERAÇÃO VIA-SE FINALMENTE LIVRE DA MALDIÇÃO DE TER OS MESMOS ÍDOLOS DOS PAIS E AVÓS. AGORA TINHAM UMA MANEIRA PRÓPRIA DE SER, DE AGIR, DE PENSAR E VIVER A VIDA. ESTE QUE VOS FALA NÃO ERA NEM NASCIDO AINDA, MAS TODOS OS ROQUEIROS QUE VIVERAM A ÉPOCA COM QUEM JÁ TIVE O PRAZER DE PROSEAR, SE LEMBRAM COM NOSTALGIA DOS ENCONTROS, DAS TROCAS DE DISCOS E CDS, DAS FESTAS ALTERNATIVAS E DO PRAZER DE ESCUTAR AQUELAS MÚSICAS . TAMBÉM SE ENGANA QUEM PENSA QUE O BRASIL NÃO TEVE UM CENÁRIO ALTERNATIVO PARA CHAMAR DE SEU; DEAD FISH, PLANET HEMP, CHARLIE BROWN JR. E ANGRA; *HARDCORE*, *HEAVY METAL*, *UNDERGROUND*, RAP E *HIP-HOP* MISTURADO COM ROCK. A FAMOSA MISTURA BRASILEIRA SE FORTALECEU AINDA MAIS NA ÉPOCA

	<p>EM QUE O ACESSO A MÚSICA CAMINHAVA EM PASSOS LARGOS PARA UMA PROMETIDA ACESSIBILIDADE E DEMOCRATIZAÇÃO NO MUNDO DIGITAL. SE A GENTE CHEGOU MESMO NESSE SONHO, AÍ JÁ É OUTRA HISTÓRIA.</p>
<p>TEC: (TRECHOS DE ALGUMAS DAS MÚSICAS CITADAS)</p>	
	<p>LOC: EM 1993, COBAIN, KRIST E GROHL LANÇAVAM O QUE MUITOS DIZEM SER O <i>MAGNUM OPUS</i> DA BANDA, O ÁLBUM “<i>IN UTERO</i>”. O ÁLBUM FOI RECEBIDO MUITO BEM ENTRE OS CRÍTICOS E ENTRE O PÚBLICO. JUNTO A ISSO, DIVERSOS SHOWS IMPORTANTES E A FAMOSA APRESENTAÇÃO NO “MTV UNPLUGGED” FIZERAM COM QUE A BANDA TIVESSE O ANO MAIS PRODUTIVO ATÉ ENTÃO.</p>

<p>TEC: (TRECHO DE ALGUMA MÚSICA DO ÁLBUM CITADO)</p>	
	<p>LOC: E É AGORA, COM PESAR, QUE ABORDAREMOS O ANO EM QUE SE DEU O DITO “ÍNICIO DO FIM”: 1994. MESES APÓS O LANÇAMENTO DO “<i>IN UTERO</i>” , JÁ EM 94, COBAIN SUCUMBIA MAIS E MAIS AO VÍCIO EM HEROÍNA, AO PONTO DE TER INTERNAÇÕES FORÇADAS EM CLÍNICAS DE REABILITAÇÃO. FOI ENTÃO QUE JÁ NO MÊS DE ABRIL, O <i>ROCKSTAR</i> DO GRUNGE FUGIU DE UMA DAS CLÍNICAS EM QUE ESTAVA INTERNADO E PEGOU UM VOO PARA SEATTLE, ONDE MORAVA. O QUE SE PASSOU NOS DIAS SEGUINTE CULMINOU NO SUICÍDIO. EM 5 DE ABRIL DE 1994, AOS 27 ANOS DE IDADE, DEIXOU ESPOSA, FILHA, AMIGOS E UM VASTO LEGADO.</p> <p>HORAS APÓS A CONFIRMAÇÃO DE SEU FALECIMENTO, CANAIS DE TV E JORNAIS DAVAM A TRÁGICA NOTÍCIA: O MAIOR ASTRO DO GRUNGE SE FOI, E JUNTO A ELE, O GRUNGE COMO ERA ANTES. ENLUTADOS E CHOCADOS COM</p>

	<p>A MORTE DE COBAIN, DIVERSAS PERSONALIDADES DA MÚSICA SE MANIFESTARAM E PRESTARAM CONDOLÊNCIAS. HAVIA ALGO ESTRANHO PAIRANDO NO AR, UM SENTIMENTO DE DESPEDIDA, NÃO SÓ DE KURT. ERA COMO SE AQUELA ONDA TODA DO GRUNGE NÃO FIZESSE MAIS TANTO SENTIDO.</p>
<p>TEC:(TRECHO DE UM NOTICIÁRIO AMERICANO E UM DO JORNAL DA GLOBO SOBRE A COBERTURA DA MORTE DE KURT)</p>	
	<p>LOC: O <i>POWER TRIO</i> DO ROCK MAIS FAMOSO DO MUNDO HAVIA ACABADO. SEM A MAIOR ESTRELA, NÃO HAVIA MOTIVOS PARA CONTINUAR.</p> <p>KRIST NOVOSELIC SE AFASTOU DAS CÂMERAS E DAVE GROHL FUNDOU O FOO FIGHTERS NO ANO SEGUINTE. NUNCA FOI SEGREDO QUE O CENÁRIO ALTERNATIVO SEMPRE FOI LOTADO DE</p>

DROGAS, LUXÚRIA E PERIGO. A VIDA PADRÃO DE UM ROCKSTAR DA ÉPOCA ERA ESSA. ANOS ANTES, CHRIS CORNELL E EDDIE VEDDER JÁ TINHAM LIDADO COM A MORTE DE UM COLEGA DE BANDA. QUANDO OS DOIS INTEGRAVAM A MOTHER LOVE BONE, PERDERAM O ENTÃO VOCALISTA, ANDREW WOOD, EM FUNÇÃO DE UMA OVERDOSE. O GRUPO ACABOU E NA ÉPOCA, REALIZARAM O PROJETO “*TEMPLE OF THE DOG*”, EM HOMENAGEM AO AMIGO. DEPOIS DISSO, SEGUIRAM OS CAMINHOS QUE JÁ CONHECEMOS. KURT TAMBÉM FOI HOMENAGEADO POR DIVERSOS ARTISTAS AO LONGO DOS ANOS, MAS NADA MAIS SERIA COMO ANTES: DROGAS E MORTE HAVIAM SE TORNADO SINÔNIMOS DO GRUNGE. NÃO ERA MAIS ALGO SEXY OU COM ATITUDE. ERA AGORA UMA FACE DO ROCK QUE SIMBOLIZAVA A MELANCOLIA E A AUTODESTRUIÇÃO.

AO MENOS FOI O QUE SENTIRAM A MÍDIA E AS GRAVADORAS DA ÉPOCA,

	QUE SE DESDOBRAVAM PARA TENTAR MANTER O ENTUSIASMO VIVO.
TEC: (TRECHO DE ALGUMA MÚSICA DO ÁLBUM “ <i>TEMPLE OF THE DOG</i> ”)	
	LOC: MUITO SE DISCUTIU ENTRE AS GRANDES GRAVADORAS SOBRE O RUMO QUE AS PRODUÇÕES (E OS NEGÓCIOS) TOMARIAM. SEM O NIRVANA, PROCURAVA-SE ALGO PARA SUBSTITUIR O INSUBSTITUÍVEL. FOI AÍ QUE SE DEU A ASCENSÃO DE BANDAS COMO O SILVERCHAIR, QUE APÓS A MORTE DE COBAIN, TENTARAM EMULAR TREJEITOS E MELODIAS DO NIRVANA. FOI ASSIM ATÉ ACHAREM UM ESTILO PRÓPRIO E PARAREM DE QUERER SER OS SUCESSORES DE ALGO ESPECIALMENTE ÚNICO.
TEC: (TOCAR TRECHO DE ALGUMA MÚSICA DO SILVERCHAIR)	

	<p>LOC: A DÉCADA CONTINUOU, E MESMO SEM A PRESENÇA DA PRINCIPAL BANDA DOS “<i>BIG FOURS</i>”, SOUNDGARDEN, PEARL JAM E ALICE IN CHAINS CONTINUARAM SUAS RESPECTIVAS JORNADAS. AS TRÊS, LANÇARAM ÁLBUNS MUITO BEM RECEBIDOS PELA CRÍTICA E PELOS FÃS; “<i>JAR OF FLIES</i>” DO ALICE IN CHAINS, “<i>VITALOGY</i>” DO PEARL JAM E “<i>DOWN ON THE UPSIDE</i>” DO SOUNDGARDEN.</p>
<p>TEC: (TOCAR TRECHOS DE ALGUMAS DAS MÚSICAS DOS ÁLBUNS CITADOS)</p>	
	<p>LOC: 1994 MARCOU O INÍCIO DO FIM DA DITA “ERA GRUNGE”. MAS O ESTILO AINDA ESTARIA PRESENTE, DE CERTA FORMA, NA OBRA DE ARTISTAS QUE MAIS TARDE FARIAM PARTE DO QUE É CONSIDERADO O “<i>POST-GRUNGE</i>”, QUE FOI ATÉ O FIM DA DÉCADA E COMEÇO DOS ANOS 2000.</p>

FALAREMOS MAIS SOBRE ESSE MOVIMENTO MUSICAL NO PRÓXIMO EPISÓDIO. POR ENQUANTO, FICA AQUI MINHA DESPEDIDA E UM CONVITE PARA NOSSO ÚLTIMO ENCONTRO.

FINALMENTE, ANTES DE FECHARMOS, A DICA DE LEITURA DE FICA COM “COME AS YOU ARE: THE STORY OF NIRVANA” DO ESCRITOR MICHAEL AZERRAD, QUE CONTA UMA HISTÓRIA MAIS APROFUNDADA SOBRE A BANDA MAIS FAMOSA DO GÊNERO E O QUE A RODEAVA. O LIVRO FOI MUITO USADO, INCLUSIVE, PARA A PESQUISA DESTE PODCAST.

A PRÓXIMA E ÚLTIMA PARTE DESSA MINI SÉRIE DE PODCASTS APRESENTARÁ O QUE ACONTECE NO FIM DO CAMINHO. UMA ESPÉCIE DE CANÇÃO FINAL DO GRUNGE, UM EPITÁFIO NA LÁPIDE DO MAIOR SUBGÊNERO MUSICAL DO ROCK ALTERNATIVO JÁ PRESENCIADO ATÉ HOJE.

ESTE PODCAST É PRODUZIDO, APRESENTADO E EDITADO POR GILBERT CIRELI, COMO TRABALHO DE

	<p>CONCLUSÃO DO CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. SUPERVISÃO DO PROFESSOR CARLOS JÁUREGUI.</p> <p>O “GARAGEM DE FLANELA” FICA POR AQUI.</p>
<p>TEC: (FECHA O EPISÓDIO COM UM TRECHO DE COBAIN TOCANDO “<i>AND I LOVE HER</i>”)</p>	

Apêndice C - Roteiro “Epitáfio” - Parte III - Podcast Garagem de Flanela

Narração e edição: Gilbert Cireli Contin.

Roteiro - Garagem de flanela - Parte III

EPISÓDIO III - “EPITÁFIO”

TÍTULO: GARAGEM DE FLANELA - PARTE III - **LOCUTOR:** GILBERT CIRELI

TEC: (INTRO) (24 SEGUNDOS)	
	<p>LOC: SEJA BEM VINDO E BEM VINDA AO TERCEIRO EPISÓDIO DO PODCAST “GARAGEM DE FLANELA”, MEU NOME É GILBERT CIRELI E SOU O SEU GUIA NESTA SÉRIE DE TRÊS EPISÓDIOS ESPECIAIS SOBRE O MUNDO DO GRUNGE. DESDE OS PRIMÓRDIOS AO ÁPICE E EVENTUAL DECLÍNIO COMERCIAL DO GÊNERO, ABORDAREMOS AQUI TODOS OS FATORES QUE FIZERAM E AINDA FAZEM DO GRUNGE UM DOS SUBGÊNEROS MAIS ESPECIAIS E ATEMPORAIS DO ROCK.</p> <p>APÓS PASSAR PELO ÁPICE E PELO COMEÇO DO DECLÍNIO, CHEGAMOS</p>

	<p>ENTÃO AO FIM. OU SERÁ MESMO? NÃO QUERO AQUI SER O MENSAGEIRO DE MELANCOLIAS E CONTOS TRISTES, MAS JÁ QUE ESTAMOS NESTE PONTO SEM VOLTA, SEGUIREMOS.</p>
<p>TEC: (TRECHO ESPECÍFICO DE “SMELLS LIKE TEEN SPIRIT”)</p>	
	<p>LOC: O SOM DE SEATTLE APÓS 1994 SEGUIU FIRME, APESAR DA TRÁGICA PERDA DOS MAIORES EXPOENTES: COBAIN E O NIRVANA. DURANTE O PERÍODO SUBSEQUENTE, O MUNDO DA MÚSICA CONTINUOU A SER AGRACIADO PELOS SONS DO GRUNGE E PELAS NOVAS E CRESCENTES VERTENTES, SUBGÊNEROS E MUDANÇAS DE ESTILO NAS BANDAS QUE SEGUIRAM.</p> <p>AO FALARMOS DE UMA CONTINUAÇÃO DA ONDA GRUNGE, DESTACA-SE UMA</p>

UMA FALA DO PRÓPRIO COBAIN AO JORNALISTA MICHAEL AZERRAD: “FAMOSO É A ÚLTIMA COISA QUE EU QUERIA SER”. O PESO DESSA FALA REVERBEROU ENTRE OUTROS ARTISTAS DAQUELA CENA, QUE SÓ TINHAM EM MENTE O ÓBVIO: FAZER MÚSICA ALTERNATIVA E, EM TERMOS MAIS CHUCROS, NÃO DEIXAR A PETECA CAIR.

A POPULARIDADE, AS VENDAS DE DISCOS E A PRESENÇA MIDIÁTICA. TUDO ISSO FAZIA PARTE, QUISESSEM ELES OU NÃO. A MÍDIA ESPECIALIZADA, JUNTAMENTE COM AS GRAVADORAS, TAMBÉM NÃO QUERIA DEIXAR A PETECA MILIONÁRIA CAIR, E FEZ DE TUDO PARA SUBSTITUIR AQUELE VAZIO DEIXADO PELO NIRVANA.

O PROBLEMA NISSO TUDO É O CONTO MAIS ANTIGO QUE O PRÓPRIO TEMPO: TUDO PASSA, TUDO DÁ LUGAR AO NOVO. SOUNDGARDEN, PEARL JAM E ALICE IN CHAINS SEGUIRAM FAZENDO SHOWS E PRODUZINDO DISCOS POR ALGUNS ANOS, MAS APÓS O FATÍDICO 1994, ESTAVA BEM CLARO QUE NADA SERIA IGUAL ANTES. O ALICE IN

	<p>CHAINS, EM 1996, FEZ AS ÚLTIMAS APARIÇÕES COM LAYNE STALEY. JÁ EM TOM DE DERROTA, AINDA NOS ENTREGOU UMA DAS MAIORES APRESENTAÇÕES ACÚSTICAS DA HISTÓRIA: O “<i>MTV UNPLUGGED</i>” DA BANDA. LAYNE, JERRY, MIKE E SEAN FIZERAM ALI A ÚLTIMA PERFORMANCE AO VIVO DA BANDA COMO ATRAÇÃO PRINCIPAL, SEM CONTAR UMA ÚLTIMA E SINGELA ABERTURA PARA UM SHOW DO KISS EM JULHO DAQUELE ANO.</p> <p>PAIRAVA NO AR UM SENTIMENTO CADAVÉRICO E SOMBRIO, QUASE QUE REVERBERANDO DE VOLTA O CONTEÚDO DAS LETRAS QUE CANTAVAM. MESMO SEVERAMENTE DEBILITADO EM FUNÇÃO DO VÍCIO EM HEROÍNA, LAYNE ENTREGOU ALI A ALMA. MESMO AOS TRANCOS E TROPEÇOS, CANTOU E HARMONIZOU COM JERRY CANTRELL COMO SE AINDA ESTIVESSEM NO AUGE DAS CARREIRAS.</p>
<p>TEC: (TRECHO DA MÚSICA “<i>BROTHER</i>”</p>	

<p>EM QUE LAYNE E JERRY CANTAM JUNTOS)</p>	
	<p>LOC: COM AS VENDAS EM DECLÍNIO E A ONDA DO GRUNGE SE ESFUMAÇANDO, COMEÇA O PERÍODO CHAMADO DE “<i>POST-GRUNGE</i>”. O TERMO FOI UTILIZADO PARA DENOMINAR AS BANDAS QUE TINHAM UM SOM PARECIDO, MANTENDO AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO ROCK ALTERNATIVO, MAS SE DISTANCIANDO UM POUCO DO QUE REPRESENTAVA O GRUNGE DO COMEÇO DA DÉCADA. CREED, RADIOHEAD, WEEZER, GODSMACK, NICKELBACK E O PRÓPRIO FOO FIGHTERS DO EX BATERISTA DO NIRVANA, DAVE GROHL. TODAS ESTAS BANDAS E MUITAS OUTRAS ASSUMIRAM O MANTO DO <i>POST-GRUNGE</i> ATÉ O FIM DA DÉCADA E POSTERIORMENTE ATÉ OS ANOS 2000.</p> <p>COM ISSO O GRUNGE ORIGINAL HAVIA SAÍDO DO <i>MAINSTREAM</i>, DANDO LUGAR ÀS BANDAS DO <i>POST-GRUNGE</i>, AOS <i>RAPPERS</i>, AS <i>BOYBANDS</i> E A NOVOS</p>

ÍCONES DO POP. O CAMINHO ATÉ O FIM DOS ANOS 90 FOI TORTUOSO PARA OS INTEGRANTES ORIGINAIS DO *BIG FOUR*.

ALICE IN CHAINS, COMO DITO ANTERIORMENTE, DISSE ADEUS EM 1996, O SOUNDGARDEN, DE CORNELL, VEIO COM O ÁLBUM DE ESTÚDIO “*DOWN ON THE UPSIDE*” TAMBÉM EM 96, E O PEARL JAM, DE VEDDER, SE MANTEVE UM POUCO MAIS ATIVO, COM OS ÁLBUNS DE ESTÚDIO “*NO CODE*”, TAMBÉM DE 96 E “*YIELD*” EM 1998.

UM TERMO ALEMÃO CONCEITUADO PELO ESCRITOR JOHANN GOTTFRIED VON HERDER DESCREVE BEM ALGO QUE ESTAVA LIGEIRAMENTE MUDANDO: O *ZEITGEIST*. EM PORTUGUÊS, ALGO COMO: “O ESPÍRITO DAS ÉPOCAS”. ESSA PALAVRA BUSCA EXPLICAR UM GRUPO DE IDEIAS, DOGMAS E COMPORTAMENTOS DE UMA SOCIEDADE EM UM DETERMINADO PERÍODO OU RECORTE TEMPORAL. COM ISSO EM MENTE, ERA NOTÁVEL A MUDANÇA NO *ZEITGEIST* DA DÉCADA DE 90 INDO PARA OS ANOS 2000. O TEMPO HAVIA PASSADO, E MUITAS

PESSOAS ALMEJAVAM ALGO NOVO, ASSIM COMO FEZ A GERAÇÃO X, ENQUANTO VIA-SE ENCURREALADA PELOS “BABY BOOMERS”, ASSUNTO MENCIONADO NA PRIMEIRA PARTE DESTE PODCAST. AGORA, ERAM OS MILLENNIALS, OU “GERAÇÃO Y”, QUE PARTICIPARIAM DA DISCUSSÃO CULTURAL DAQUELE MOMENTO.

FOI-SE A DÉCADA DE 90 E DE BRAÇOS ABERTOS VEIO O NOVO MILÊNIO. O ANO 2000 ENFIM CHEGOU, E TRAZIA CONSIGO UM NOVO ESPÍRITO PARA A ÉPOCA QUE VIRIA. INFELIZMENTE, LAYNE STALEY, *FRONTMAN* DO ALICE IN CHAINS, FOI ENCONTRADO MORTO EM SUA CASA, VÍTIMA DE OVERDOSE, EM 5 DE ABRIL DE 2002.

UM COMEÇO TERRÍVEL PARA O NOVO MILÊNIO E PARA OS MILHÕES DE FÃS QUE AGORA, ENLUTADOS, ERAM OBRIGADOS A CHORAR A PERDA DE MAIS UM DOS GRANDES DO SOM DE SEATTLE. EM ENTREVISTAS ANTES DA MORTE, LAYNE DIZIA QUE JÁ ESTAVA CIENTE DE QUE MORRERIA EM BREVE, E QUE QUERIA DISTÂNCIA DOS OUTROS

	<p>INTEGRANTES DA BANDA OU DE QUALQUER SER HUMANO PARA SER MAIS EXATO. ASSIM COMO KURT, LAYNE FOI UMA PERDA INSUBSTITUÍVEL PARA O MUNDO DA MÚSICA.</p>
<p>TEC: (TRECHO DA CANÇÃO INSTRUMENTAL “<i>WHALE AND WASP</i>” DO ALICE IN CHAINS)</p>	
	<p>LOC: ANTERIORMENTE, NO ANO 2000, MAIS PRECISAMENTE EM 24 DE OUTUBRO, UMA BANDA SE FEZ CONHECIDA E ESTREMECEU O PILARES DO <i>HALL</i> DO ROCK ALTERNATIVO, MISTURANDO O <i>HARDCORE</i>, <i>HIP-HOP</i>, RAP E ATÉ UM POUQUINHO DO ESPÍRITO EMO, QUE VIRIA A SE DESTACAR MAIS PARA O MEIO DA DÉCADA.</p> <p>ESTAMOS FALANDO DO LINKIN PARK DE CHESTER BENNINGTON E MIKE SHINODA. A BANDA LOGO COMEÇOU A GANHAR FAMA COM DISCOS MUITO</p>

	<p>BEM RECEBIDOS E PASSAVA A SOLIDIFICAR, JUNTO A OUTROS GRUPOS, ARTISTAS E BANDAS, UM NOVO SUBGÊNERO DO ROCK ALTERNATIVO: O <i>NU-METAL</i>. SYSTEM OF A DOWN, SLIPKNOT, O PRÓPRIO LINKIN PARK, LIMP BIZKIT, KORN, DROWNING POOL E MAIS OUTRAS TANTAS BANDAS FORMARAM UMA CENA QUE BEBIA DE VÁRIAS INSPIRAÇÕES, DESDE O GRUNGE AO <i>POST-GRUNGE</i>, DO <i>HEAVY METAL</i> AO <i>HIP-HOP</i>.</p> <p>NÃO IMPORTAVA, O ROCK ALTERNATIVO DOS ANOS 2000 ESTAVA BEM REPRESENTADO E CONSEGUIU ATÉ VOLTAR AO <i>MAINSTREAM</i> ATÉ O FIM DA DÉCADA.</p>
<p>TEC: (TOCAR TRECHOS DE MÚSICAS DESSAS BANDAS)</p>	
	<p>LOC: EM 2001, CHRIS CORNELL PAUSAVA AS ATIVIDADES COM O SOUNDGARDEN PARA FORMAR UM SUPERGRUPO COM OS EX-INTEGRANTES DO RAGE AGAINST</p>

	<p>THE MACHINE, TOM MORELLO, TIM COMMERFORD E BRAD WILK: O “AUDIOSLAVE”. JÁ EM 2002, LANÇARAM SEU PRIMEIRO ÁLBUM DE ESTÚDIO, INTITULADO COM O MESMO NOME DA BANDA. FOI BEM RECEBIDO PELA CRÍTICA E PELOS FÃS, ALÉM DE TRAZER CONSIGO CLÁSSICOS INSTANTÂNEOS COMO “I AM THE HIGHWAY”, “LIKE A STONE” E “SHOW ME HOW TO LIVE”.</p>
<p>TEC: (TOCAR TRECHOS DAS MÚSICAS CITADAS)</p>	
	<p>LOC: MAS NEM TUDO SÃO FLORES, PRINCIPALMENTE QUANDO SE É UM <i>ROCKSTAR</i> EM UM AMBIENTE QUE PROPICIA E POTENCIALIZA OS DEMÔNIOS INTERIORES DE CADA INDIVÍDUO. MAIS DE UMA DÉCADA DEPOIS DA FORMAÇÃO DO AUDIOSLAVE, EM 17 DE MAIO DE 2017, CHRIS CORNELL TIROU A PRÓPRIA VIDA, POR ENFORCAMENTO. CERCA DE DOIS MESES DEPOIS, CHESTER BENNINGTON, VOCALISTA DO LINKIN PARK, TAMBÉM VEIO A FALECER POR SUICÍDIO VIA ENFORCAMENTO. OS DOIS</p>

	<p>SOFRIAM DE DEPRESSÃO E TINHAM SE DECLARADO PUBLICAMENTE COMO MELHORES AMIGOS. MAIS UMA VEZ, DUAS PERDAS INCOMENSURÁVEIS PARA O MUNDO DA MÚSICA E PRINCIPALMENTE PARA A CENA DO ROCK ALTERNATIVO.</p> <p>O PEARL JAM DE EDDIE VEDDER SEGUE COMO A ÚNICA BANDA REMANESCENTE DOS ANTIGOS <i>BIG FOUR</i> DO GRUNGE ORIGINAL DE SEATTLE. PERMANECEM ATIVOS COM TURNÊS E LANÇAMENTOS RECENTES DE ÁLBUNS DE ESTÚDIO.</p>
<p>LOC: (TRECHO DA CANÇÃO “<i>WRECKAGE</i>”)</p>	
	<p>LOC: ASSIM SENDO, DEIXO AQUI MINHA DESPEDIDA E MINHAS CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O GRUNGE. GARANTO QUE DIVERSAS REFERÊNCIAS E INSPIRAÇÕES, DIRETAS OU INDIRETAS, AINDA PODEM SER OBSERVADAS EM PARTE DO ROCK MODERNO. NÃO APENAS ISSO! O FATO DO NÚMERO DE PESSOAS QUE AINDA</p>

CONSUMEM O GRUNGE PASSAR DOS MILHÕES INDICA QUE O GÊNERO NUNCA DEIXOU DE SER RELEVANTE.

FICA AQUI TAMBÉM MINHA ÚLTIMA RECOMENDAÇÃO LITERÁRIA PARA AQUELES E AQUELAS QUE GOSTARIAM DE UM RESUMO MAIS APROFUNDADO SOBRE O TEMA: “GRUNGE IS DEAD: THE ORAL HISTORY OF SEATTLE ROCK MUSIC”. NESSE LIVRO, O JORNALISTA E ESCRITOR GREG PRATO CONTA, DO INÍCIO AO FIM, OS FATORES QUE LEVARAM O GRUNGE A SER O QUE FOI E O QUE AINDA REPRESENTA COMO GÊNERO MUSICAL.

ESTA FOI A ÚLTIMA PARTE DO PODCAST ESPECIAL GARAGEM DE FLANELA, PRODUZIDO, APRESENTADO E EDITADO POR GILBERT CIRELI, COMO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. SUPERVISÃO DO PROFESSOR CARLOS JÁUREGUI.

	O “GARAGEM DE FLANELA” FICA POR AQUI.
TEC: (DESPEDIDA DO PODCAST COM UM TRECHO DE “ <i>I STAY AWAY</i> ” DO ALICE IN CHAINS)	

Apêndice D - Lista das músicas utilizadas no podcast

Yesterday - The Beatles;

Purple Haze - Jimi Hendrix;

Who are you - The Who;

God Save the Queen - Sex Pistols;

Spellbound - Siouxsie and the Banshees;

I Wanna be Sedated - Ramones;

This Town - Green River;

Honey Bucket - Melvins;

Love Buzz - Nirvana;

Rusty Cage - Soundgarden;

Man in The Box - Alice in Chains;

Just Like Me - L7;

Even Flow - Pearl Jam;

Smells Like Teen Spirit - Nirvana;

Heart Shaped Box - Nirvana;

Got Me Wrong - Alice in Chains;

Dam That River - Alice in Chains;

Brother - Alice in Chains;

Rooster - Alice in Chains;

Carry On - Angra;

Legalize Já - Planet Hemp;

Dumb - Nirvana;

Say Hello 2 Heaven - Temple of The Dog;

Suicidal Dream - Silverchair;

Nutshell - Alice in Chains;

I Stay Away - Alice in Chains;

Blow Up The Outside World - Soundgarden;

Corduroy - Pearl Jam;

And I Love Her (cover) - Kurt Cobain;

Do The Evolution - Pearl Jam;

Pretty Noose - Soundgarden;

Whale and Wasp - Alice in Chains;

Psychosocial - Slipknot;

Crawling - Linkin Park;

I Am The Highway - Audioslave;

Like a Stone - Audioslave;

Show Me How to Live - Audioslave;

Infallible - Pearl Jam;

Wreckage - Pearl Jam;

White Room - Cream;

Jesus Christ Pose - Soundgarden;

My Way - Limp Bizkit.